



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM COGNIÇÃO,
TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES – PPGCTI

IARA MARIANA DE FARIAS NÓBREGA

O poder das bolhas: a gaiola de ouro do Facebook

MOSSORÓ

2019

IARA MARIANA DE FARIAS NÓBREGA

O poder das bolhas: a gaiola de ouro do Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito para obtenção do título de Mestrado em Cognição, Tecnologia e Instituições.

Linha de Pesquisa: Experiências humana, social e técnica.

Orientador: Prof. Dr. Thadeu de Sousa Brandão

MOSSORÓ

2019

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N754p Nobrega, Iara Mariana de Farias.
O PÓDER DAS BOLHAS: A GAIOLA DE OURO DO
FACEBOOK / Iara Mariana de Farias Nobrega. - 2019.
92 f. : il.

Orientador: Thadeu de Sousa Brandão Brandão.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em
Ambiente, Tecnologia e Sociedade, 2019.

1. Violência Simbólica. 2. Facebook. 3.
Pragmatismo Político. I. Brandão, Thadeu de Sousa
Brandão, orient. II. Título.

Setor de Informação e Referência

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

IARA MARIANA DE FARIAS NÓBREGA

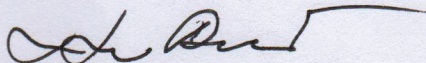
O poder das bolhas: a gaiola de ouro do Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito para obtenção do título de Mestrado em Cognição, Tecnologia e Instituições.

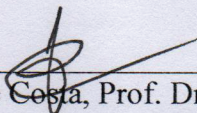
Linha de Pesquisa: Experiências Humana, Social e Técnica.

Defendida em: 31 / 07 / 2019.

BANCA EXAMINADORA



Thadeu de Sousa Brandão, Prof. Dr. (UFERSA)
Orientador



Jean Henrique Costa, Prof. Dr. (UERN)
Membro Examinador



Ludimilla Carvalho Serafim de Oliveira, Profª. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

“Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita Vitoriosa” Isaías 41:10

Sempre criei nas promessas de Deus em minha vida. Fia-se que este curso de mestrado, verdadeiramente, é um cumprimento do que o Senhor Jesus preparou/preparará para mim.

A jornada enfrentada até aqui não foi fácil, rejeitar a auto sabotagem, por conseguinte, construir/reconstruir; acreditar em mim mesma, respeitar os meus limites e enxergar o potencial que existe dentro de mim, certamente, foi e é a maior conquista.

Esta pesquisa, é fruto de contribuições valiosas de inúmeras pessoas que estiveram comigo durante os últimos anos. Por isso, os meus sinceros e profundos agradecimentos:

À Universidade Federal Rural do Semi- Árido - **UFERSA**, pela chance de fazer um bom curso (com corpo docente de qualidade).

Ao meu orientador, professor Dr. **Thadeu Brandão**, pelas discussões; questionamentos, e intermináveis debates que muito me auxiliou a romper com o senso comum e treinar um olhar científico; pelo seu imenso coração generoso, pelo apoio emocional e momentos de descontração muitas vezes desfrutados na cozinha de sua casa e, sobretudo, por ter acreditado em mim, até mesmo quando eu não acreditava.

A professora e amiga (e minha primeira orientadora) **Juliana Rocha Franco**, que inicialmente apresentou as primeiras leituras dessa pesquisa, e sempre me dizia que o mestrado era só um degrau. Muita gratidão.

À professora Dra. **Ludimilla Serafim** por nunca me deixar desistir, e sempre utilizar palavras de fé e encorajamento, um exemplo de profissionalismo, equilíbrio e sabedoria. É uma satisfação enorme poder aprender com você. Obrigada pela constância na amizade e pelo apoio espiritual, moral e intelectual.

A todos os professores e funcionários que estive nesses dois anos no **PPGCTI**, em especial a **Dorinha**, motivadora, como poucos, com seu abraço acolhedor e aconchegante.

Ao meu pai **Francisco Ernani** (in memoria) pela inspiração; pessoa iluminada a qual sempre me espelhei - e espelharei.

Aos meus pais, em especial minha mãe **Mardônia** que com seus exemplos me ensinaram a valorizar a honestidade, a inquietação e a perseverança como caminho de construção de qualquer experiência. Por serem os responsáveis pela minha existência, pelo exemplo de superação das dificuldades, dedicação ao trabalho e fé em Deus. Pela imensa gratidão que tenho a eles e por serem a razão do meu esforço e de minha vida. Amo vocês.

As minhas irmãs e melhores amigas, **Ítala, Ísis e Eliene**, à minha família e aos meus inúmeros amigos de longas datas **Neta, Wendy, Talita e Maicon** que sempre estiveram ao meu lado. Aos meus colegas de mestrado em especial **Cindy e Paulo** pela irmandade. A um grande presente no meio dessa caminhada, **Lucilma**, minha revisora e amiga de debates e reflexões.

A minha cadela **Nina**, animal de estimação, que é um presente de Deus para mim.

A todos os amigos que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e interesse em fazer, da defesa desta dissertação, um momento de reflexão e aprendizado.

RESUMO

Este trabalho de dissertação traz arrazoar e compreender, o processo de produção e retroalimentação da violência simbólica através das bolhas da internet, mas especificamente na rede social *Facebook*. A problemática estudada pautou-se em uma perspectiva do campo interdisciplinar construída por meio do diálogo de diferentes saberes. Para embasar o problema em questão, faz apresentar o conceito da violência simbólica tendo eixo central a teoria desenvolvida por Bourdieu. Apontar o processo de desenvolvimento das Tecnologias de Comunicação e Informação. Relacionar o conceito da violência simbólica e como ele se expressa a partir da formação de mecanismos, como as conhecidas “bolhas na internet”.

Ainda, para trazer evidência para esta discussão, usaremos com recorte de análise, a *fanpage* “Pragmatismo Político” www.facebook.com/PragmatismoPolitico como objetivo de lançar um olhar mais atento ao fenômeno das representações sociais alicerçados em Moscovici (2007) a partir das postagens com um viés político. Os resultados apontam determinados verbetes potencializam a interação entre curtidas, comentários e compartilhamentos, consequentemente, ampliando a bolha e reproduzindo o discurso violento nela contida.

Descritores: Violência Simbólica, Facebook, Pragmatismo Político.

ABSTRACT

This work of dissertation brings and understands the process of production and feedback of symbolic violence through internet networks, but it is a social network of Facebook. The problem studied was based on a perspective of the interdisciplinary field through the dialogue of different knowledge. To base the problem in the issue, make the status of the heritage have been central to the theory by theory by Bourdieu. To point out the process of development of Communication and Information Technologies. Relate the concept of symbolic violence and how it is expressed through the formation of mechanisms, as it was called "bubbles on the internet". Still, to bring this discussion, we will use our analysis, a fanpage "Political Pragmatism" www.facebook.com/PragmatismoPolitico as the objective to throw a look at the phenomenon of social representations based on Moscovici (2007) from the posts with a bias political. The results are verbal variables that potentiate an interaction between tastings, comments and shares, consequently, enlarging a bubble and reproducing the violent discourse in it.

.

.

Keywords: Symbolic Violence., Facebook, Bubbles on the Internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Perfil da página Pragmatismo Político no Facebook.....	61
Figura 2 – Postagem 1 a ser analisada: “ A blogueira que celebrou a morte de uma criança de 7 anos. ”.....	63
Figura 3 –. Comentário 1 de um usuário das redes sociais sobre a Postagem da Figure 2.....	66
Figura 4 . Comentário 2 de um usuário das redes sociais sobre a Postagem da Figure 2.....	67
Figura 5 Postagem 2 a ser analisada: “Bolsonaro chama professores e estudantes de “idiotas úteis” e “imbecis”.....	68
Figura 6 Total de reações da postagem figure 2”.....	70
Figura 7 Ferramenta disponível pelo Facebook como três opções para os usuários escolher qual o critério utilizar para visualização dos comentários.....	71
Figura 8 Comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook.....	72
Figura 9 Total de reações da postagem da figura 8.....	73
Figura 10 – Primeiro comentário mais relevante, critérios adotados pelo próprio Facebook...	73
Figura 11 – Segundo comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook	74
Figura 12 Comentário referente a publicação da figura 5.....	75
Figura 13 Comentário referente a publicação da figure 5.....	76
Figura 14 Comentário referente a publicação da figure 5.....	76
Figura 15 Comentário referente a publicação da figure 5.....	77
Figura 16 Comentário referente a publicação da figure 5.....	77
Figura 27 Comentário referente a publicação da figure 5.....	77
Figura 18 Postagem 3 a ser analisada. Publicada 1 hora depois daquela da figura 5.....	79
Figura 19 Números de reações do post da figura 18.....	79
Figura 20 Postagem 4 publicada 1h 20 minutos depois daquela da figura 5, e 20 minutos de da postagem da figura 18.....	80
Figura 21 Números de reações do post da figura 20.....	80
Figura 22 Postagem 5 a ser analisada.....	83
Figura 23 Continuação da postagem da figura 22.....	83
Figura 24 Números de reações do post da figura 22.....	83
Figura 25 Postagem 6 a ser analisada.....	84
Figura 26 Continuação da postagem 6 a ser analisada.....	85

Figura 27 Números de reações do post da figura 25.....	85
--	----

LISTA DE SIGLAS

CMC – Comunicação Mediada pelo computador	19
Tics – Tecnologia da Informação e Comunicação	07

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. As conexões que nos levaram aos caminhos metodológicos	11
2. HASHTAG VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES	19
2.1 <i>Habitus</i>	24
2.2 <i>Espaço Social</i>	26
2.3 <i>Campo Social</i>	27
2.4 <i>Capital Cultural</i>	28
2.5 Capital Simbólico	28
2.6 Violência sistêmico-simbólica	29
2.7 Revolução tecnológica: avanço social ou reprodução da violência?	30
2.8 Viralizando e naturalizando: a formação de bolhas na Internet, espaços de violência Simbólica.	35
3. “PRAGMATISMO POLÍTICO”, UMA BOLHA QUE SE INSUFLA NA CONJUNTURA SOCIAL	51
4. A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA POR MEIO DO DISCURSO NA PÁGINA PRAGMATISMO POLÍTICO	57
4.1. Símbolos, signos e discursos violentos: representações que reproduzem a violência	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
7. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES	90
REFERÊNCIAS	92



Fonte: Uol Notícias

*“Every established order tends to produce the
naturalization of its own arbitrariness”*

Pierre Bourdieu

1. INTRODUÇÃO

Sempre que desafiado por um mundo grandioso e cheio de ameaças, o homem busca entender sua realidade por meio do conhecimento. A ciência¹ é um dos meios que pode levar o ser humano a pressupor uma aproximação da verdade, a partir *práxis* experienciada na observação fenomenológica, resultando no aprimoramento científico. Para o pesquisador, encontrar explicações/respostas para um determinado fenômeno poderá fomentar novas descobertas para vindouros trabalhos científicos e sociais.

Na internet, milhares de pessoas tem se conectado ao redor do mundo em um espaço virtual ou ciberespaço², fazendo-as consumir informações cotidianamente. Virtualmente os usuários são levados para lugares que nunca imaginariam alcançar, eliminando as distâncias espaço-temporais, compartilhando e trocando ideias com milhares de pessoas, encurtando as relações interpessoais.

Vivemos nessa era da internet e das redes móveis. Essas mídias digitais apresentam um ambiente fértil para a ampla disseminação de ideias e informações, permitindo que elas sejam difundidas em massa, em uma velocidade muito rápida, de forma tal que o processo de comunicação nesses espaços acontece de maneira instantânea.

As TCIs – Tecnologias de Comunicação e Informação trouxeram uma nova conjuntura para os processos comunicacionais, as plataformas digitais se transformaram nos agentes centrais do espaço *online* da sociedade hodierna. Dentro dessa esfera as redes sociais (como o *Facebook*³) colaboram para o aumento de acessos a plataforma tornando o ambiente cada vez mais popular e hostil.

O acesso a sites de redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, LinkedIn, Pinterest e YouTube tem se tornando cada vez mais frequentes na sociedade coeva ou seja, contemporânea. A inópia das pessoas se manterem atualizados e bem informados que é fruto da conjuntura globalizada que prega esse acesso como fundamental e as fazem utilizar com assiduidade essas plataformas digitais, de tal forma que revolve o indivíduo em algum aspecto ou capacidade ao ponto de os deixarem dependentes nessas redes de acesso on-line, as quais proporcionam interação social para quem nela navega. Assim, de tal forma que quem se

¹ Do latim scientia, tradução de “conhecimento” segundo o Dicionário Michaelis a ciência é o conhecimento sistematizado com um campo de estudo. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br> Acesso em: 27 fev. 2019.

² Ciberespaço é o ambiente das interações sociais na internet. O termo foi criado por Willian Gibson, no livro *Neuromancer* (1984) para referir-se ao “espaço virtual” das redes de computadores.

³ É um site de rede social virtual criado por Mark Zuckerberg em 4 de fevereiro de 2004. Disponível em: www.facebook.com. Acesso em: 03 jan. 2018.

submerge nesse ambiente muitas vezes não se consegue distinguir as realidades, assim, transformam o mundo virtual em sua própria realidade, ou seja, já não sabe mais o que é real ou virtual.

Das plataformas digitais, o *Facebook* é um elemento central nesse trabalho, uma rede social em âmbito mundial que compartilha notícias multidiversificadas, que podem causar impactos sociais, na cultura, na política e inclusive interferir nas relações capitalistas. No entanto, nem sempre as informações são verídicas e obviamente, elas atendem a um determinado interesse, seja individual ou social. É nesse espaço virtual, que é percebido da aquiescência de atitudes e comportamentos diversos, assim como a submissão a determinadas vertentes.

Quem de modo assíduo, faz uso das redes sociais como o *Facebook* pode constatar que o usuário além de ter a possibilidade de expressar sua opinião aparentemente de forma livre, seja através de publicação, compartilhamento ou comentário, também através dessas ações, proporciona a plataforma uma dimensão pública com alcance imensurável. É perceptível como o *Facebook* e os demais sites de interações sociais são espaços que se apresentam numa dimensão tênue, em que os limites de posicionamentos pessoais parecem não se expressar materialmente aos usuários, ou seja, é possível produzir um discurso com teor violento, acreditando que não haverá risco de uma penalização⁴.

Para Luckmann (2013) “ amais importante experiência dos outros ocorre em situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico de interação social” (LUCKMANN, 2013 p.46). É comum utilizar esses espaços para expressar aquilo que muitas vezes, as pessoas não têm coragem de dizer na “interação face a face” (parafraseando Luckmann 2013) e aos poucos esse tipo de discurso vai se apresentando com um aspecto de normalidade, bem como para quem emite a mensagem, tal para quem recebe. E por meio das curtidas, compartilhamentos os usuários inconscientemente podem estar a validar certas representações sociais.

Cumprе lembrar que sites como o *Facebook* utilizam sistemas de algoritmos⁵ conhecidos como filtro bolhas, que são fórmulas complexas que consegue definir a relevância

⁴ No Brasil temos legislações que estabelecem penalidades para crimes virtuais, e embora não seja nosso objeto de análise, acreditamos ser relevante indica-las: uma é delas é a Lei dos Crimes Cibernéticos (12.737/2012), conhecida como Lei Carolina Dieckmann que tipifica crimes informáticos. A Lei 12.735/12 tipifica condutas realizadas mediante uso de sistema eletrônico, digitais ou similares que sejam praticadas contra sistemas informatizados. E por último a lei 12.965/2014 que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/87058-crimes-digitais-o-que-sao-como-denunciar-e-quais-leis-tipificam-como-crime>. Acesso em: 13 mai. 2019.

⁵ Termo derivado do nome Al Khowarizmi, matemático do século IX, são fórmulas matemáticas complexas que servem para resolver determinadas tarefas por meio de uma sequência finita de regras com um sistema de

de uma pessoa para outra, pré-selecionando as postagens e dá preferência por tudo aquilo que supostamente o usuário escolheria, baseado no critério de interações. Segundo Paul Resnich (2013, p.95-100)⁶ “coletivamente, esses filtros isolarão as pessoas em bolhas de informação apenas em parte de sua própria escolha, e as crenças imprecisas que elas formam com os resultados podem ser difíceis de corrigir” Isto é, com a proliferação dos filtros bolhas a probabilidade de distorcer a realidade se exacerba em relação crenças pré-existentes, em vez de desafiá-las.

Dentro das bolhas muitos são os comentários de usuários em publicações, sobre quaisquer assuntos, que apresentam um teor agressivo carregado de atributos violentos, que por muitas vezes não é perceptível para os atores sociais, já que sistematicamente se transveste de símbolos que dificultam a percepção dos indivíduos de tal maneira que nos passam despercebida, e que aos poucos vão se inserindo, incorporando aos sujeitos e reproduzidas no mundo como algo comum, normal, deixando em secreto a verdadeira violência dos seus atos. Cumpre constatar, conforme afirma Bourdieu (1989) quanto menos consciente o sujeito – agentes sociais, mais presos e submetidos estarão as estruturas sociais que é a realidade objetivamente existente, impõe a sua lógica.

Destarte, esta dissertação tem o objetivo de compreender, o processo de produção e retroalimentação da violência simbólica através das bolhas da internet, mas especificamente, na *fanpage* “Pragmatismo Político” do Facebook. Dentre os objetivos específicos elencamos os seguintes: explicar o conceito da violência simbólica tendo eixo central a teoria desenvolvida por Bourdieu. Apontar o processo de desenvolvimento das Tecnologias de Comunicação e Informação. Relacionar o conceito da violência simbólica e como ele se expressa a partir da formação de mecanismos, como as conhecidas “bolhas na internet”.

Apontadas essas direções, como afirmamos no início desse capítulo, o homem busca através da ciência desvendar suas interações, nesse sentido, ela está articulada com suas experiências. Desse modo, a escolha do tema de estudo está articulada desde a infância da autora. Na formação primária, se apresentava de forma comunicativa, frente aos demais alunos, sendo nomeada pelas crianças da mesma sala de aula, com o termo “Difusora”⁷. A designação se refere a uma rádio local, que na época tinha o seguinte slogan “não há distância

processamento de dados. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2675/o-que-e-algoritmo>. Acesso em: 06 maio. 2019.

⁶ Professor da Escola de Informação de Michigan. Disponível em: <https://www.si.umich.edu/people/paul-resnick>. Acesso em: 06 maio. 2019

⁷ Rádio local da cidade de Mossoró. Maiores informações. Disponível em: <http://portaldifusoramossoro.com>. Acesso em: 01 mar. 2019.

que nos separe: Difusora”! (considerada uma das rádios de maior credibilidade de notícia nos anos 90 na cidade sempre mostrando agilidade em propagar a notícia).

Nesse ínterim, a resultante foi a formação acadêmica da pesquisadora, tornando -se Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo no ano de 2008, quando as disciplinas de Técnica de Apuração, Pesquisa Jornalística e Ética no Jornalismo fascinavam e fomentavam inquietações profissionais e acadêmicas. Essa inquietude dava-se por ter vivenciado nos campos de estágio, dentre essas, assessorias nas redações jornalísticas e diversas instituições a importância do rigor do método jornalístico, em publicitar as informações, devendo prevalecer os fatos conforme se apresentam na realidade em detrimento de possíveis manipulações.

As aproximações e conhecimento do processo de produção e propagação da notícia, oportunizaram ainda na faculdade, a produção⁸ de um documentário, a qual foi premiada pelo Ministério da Saúde Pernambuco no ano de 2009 e vinculado a nível nacional.

Com a evidência da internet, sempre permaneceu latente o interesse em estudar o Facebook, devido a sua popularização e viralização⁹ mundial. A curiosidade em relação ao assunto permaneceu. Nesse processo, o trabalho nas redações de jornais e o contato diário com pautas da editoria de redes sociais, igualmente inquietava e fomentava a percepção de que a internet não possui mecanismos legais que impedissem as pessoas a propagar qualquer tipo de notícia (chamada popularmente nas redes sociais, terra sem lei). Posteriormente, a oportunidade de ingressar no programa de Pós-Graduação interdisciplinar em Cognição, Tecnologia e Instituições¹⁰, nível mestrado, da Universidade Federal do Semi - Árido¹¹, orientada inicialmente pela professora Dra. Juliana Rocha Franco¹², e posteriormente pelo professor Dr. Thadeu de Sousa Brandão¹³, a pesquisa percorreu caminhos desafiadores.

Para tanto, o programa contemplava a linha de pesquisa do Mestrado em Cognição, Tecnologia e Instituição que emergiu como uma possibilidade de compreender as

⁸ O documentário intitulado: “Boa Idade: a sexualidade na terceira idade”.

⁹ Termo usado popularmente para indicar que uma determinada informação ou ferramenta dentre outros mecanismos que compõem o espaço digital, se propagou de forma semelhante a um vírus.

¹⁰ De natureza interdisciplinar fomenta conhecimento sobre a cognição, tecnologias e instituições. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2675/o-que-e-algoritmo>. Acesso em 23 mar. 2018.

¹¹ Disponível em: <https://ufersa.edu.br/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

¹² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Realizou estágio de doutorado na University of Maryland (2013) e Pós-Doutorado no programa de estudos pós doutorados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC- SP. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7531722640128367>. Acesso em: 06 maio. 2019.

¹³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011). Professor Adjunto da UFRS. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5262722841731440> . Acesso em: 06 maio. 2019.

inquietações que nos moveram na presente pesquisa. Assim, contextualizaremos na próxima seção sobre o processo metodológico para a construção do trabalho.

1.1. As conexões que nos levaram aos caminhos metodológicos

Como a tarefa principal da metodologia consiste em questionar o teor científico do tema a ser analisado, buscando verificar os fundamentos dos argumentos analisados. O método científico é configurado, portanto, como o caminho que o pesquisador necessita trilhar a fim de atribuir o máximo de previsão e validade ao resultado de sua investigação (GRESSLER, 2004).

Assim, a metodologia é o elemento que nos possibilitará a edificação dos fundamentos para uma análise minuciosa da realidade social. Realidade esta que acreditamos não estar desassociada da figura do pesquisador, uma vez que a ciência não está separada por completo da ideologia. Demo afirma que “no que chamamos de científico deve predominar a ciência, mas jamais existe um tratamento exclusivamente científico do objeto” (DEMO, 1987, p. 32).

À ciência, é possível e benéfico a convivência crítica com a ideologia, sua análise e enfrentamento direto. A presença inexorável da ideologia nas ciências sociais é um dos fatores que as diferenciam das ciências naturais. O reconhecimento da participação humana e do posicionamento social, da representação social, da ideologia, entre outras, na interpretação da realidade, problematiza de maneira perspicaz a relação entre sujeito e objeto, definindo o conhecimento como um processo, e não como uma fotografia (DEMO, 1987). O pesquisador deve se esforçar para ser objetivo nas suas análises, todavia o cientista social também estuda a si mesmo enquanto analisa a sociedade, havendo um envolvimento consciente ou inconsciente com esta.

Em face dessa proposta de pesquisa, pretendemos ampliar a percepção das ideias de *Pierre Bourdieu*¹⁴, a partir do lócus investigativo que perfaz essa pesquisa, a saber, o espaço virtual, mas especialmente a rede social, conhecida em âmbito mundial, o *Facebook*. O eixo de análise que norteia nosso objeto de estudo, é balizado pela teoria do autor referendado, a rigor, ele ressalta que a percepção de mundo dos seres sociais estão centralizadas na apreciação de como os agentes incorporam, as estruturas sociais, concomitantemente

¹⁴ Sociólogo francês do século XX, Pierre Félix Bourdieu desenvolvendo um amplo trabalho na área de Antropologia e Sociologia, ficou conhecido em propor uma “Sociologia da Sociologia”. Desenvolveu ao longo do seu trabalho estudos sobre campo, habitus e violência simbólico. (grifos meus).

produzem, legitimam e a reproduzem. O mundo social, lhe é compreendido mediante a fulgência de conceitos fundamentais: campos, *habitus* e capital (BOURDIEU, 2012; 2007;1992).

Para tanto, visando uma maior contemplação e aproximação fenomenológica soma-se o conceito de violência simbólica,¹⁵ também como um dos eixos que nortearam os objetivos alcançados. Na literatura, encontramos diversos teóricos importantes que discutem a temática esse conceito sobre a violência simbólica, notadamente como citamos anteriormente, optou-se pelas as obras do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, que foram fundamentais para lançar luz a essa pesquisa científica.

Nesse trabalho científico também, sistematizamos a teoria de Zygmunt Bauman¹⁶ (2014; 2008; 2003;2001) sobre o conceito de modernidade líquida e dialogar com outras leituras, entre elas as teorias de Lorenzo Magnani (2011)¹⁷, reunindo na pesquisa as reflexões sobre esses conceitos.

O campo de estudo é o site Facebook, onde serão sopesadas publicações com um teor político, onde serão estudados as curtidas, comentários, compartilhamentos e reações decorrentes de postagens com um teor político, assim como o entendimento da produção e retroalimentação da violência simbólica e uma reflexão sobre os elementos de representações sociais que podem manter.

Olhar especificamente para rede social Facebook é ver um fenômeno que aguça a curiosidade e impulsiona a busca por respostas e uma melhor compreensão dos elementos que transcendem o senso comum. Dentro desse panorama a apropriação do Facebook como ferramenta de violência simbólica é um dos eixos que essa pesquisa visa explorar.

A dissertação propõe-se, portanto, selecionar publicações no Facebook e identificar alguma espécie de representação sociais para determinar se há a legitimação da violência sistêmico simbólica nas trocas conversacionais, e as implicações que esta legitimação ou não traz na produção/ reprodução de discursos no ambiente online.

Nessas apreciações optamos pela escolha da página Pragmatismo Político-PP, como objeto de análise. Essa opção não ocorreu de forma aleatória e sim através de critérios que elencaremos a seguir. Importante ressaltar, que a escolha da *fanpage* Pragmatismo Político¹⁸

¹⁵ Conceito formulado por Bourdieu (2007) para compreensão de dominação e dominados.

¹⁶ Sociólogo Polonês Possui uma obra vasta com mais de trinta obras publicadas no Brasil.

¹⁷ Lorenzo Magnani Filósofo italiano que faz suas pesquisas em Filosofia da Ciência, Lógica e Epistemologia. Atualmente trabalha no Departamento de Humanidades da Universidade de Pavia

¹⁸ Meio de comunicação Digital que atua em diversas plataformas na rede, Instagram, Twitter, Facebook e Youtube). Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2019.

aconteceu devido a sua relevância social e por fomentar e instigar debates entre os internautas, haja vista que a referida foi criada no ano de 2009 no estado de São Paulo, voltada para perfazer não apenas um determinado público alvo.

Dessa maneira, especificou sua linguagem de forma mais compreensível, não restringindo somente em um único segmento, mas em pautas jornalísticas que apresentam um diálogo com o mundo social, assim como temas relacionados a Cultura, Educação, Comunicação, Saúde, História, Políticas Públicas, Direitos Humanos, Economia, Filosofia, Fotografia/Arte, Geopolítica, Política Partidária.¹⁹

O site já granjeou premiações, sendo eleito o melhor veículo de comunicação digital de notícias sobre políticas no ano de 2010. No ano de 2011 recebeu a premiação de terceiro lugar na mesma categoria e no ano de 2017, venceu o Prêmio Influenciadores Digitais na categoria 'Política, Economia e Atualidades'.

Estima-se que 7 milhões de suas páginas são acessadas pelos internautas mês a mês. Segundo informações da própria *fanpage* o Pragmatismo Político é um dos meios de comunicação digital já se destaca entre os diversos veículos de comunicação alternativa no país.

Já foram indicados pelo “Monitor do debate político no meio digital da USP”²⁰ como uma das páginas mais bem engajadas nas redes sociais. Segundo o próprio monitor duas publicações da *fanpage* PP ²¹. Um dos temas das postagens foi intitulado referindo-se a uma festa “Se nada mais der certo” e a outra referendava sobre o advogado negro algemado em São Paulo, somente essas duas publicações tiveram mais compartilhamentos, do que a soma dos compartilhamentos de todas as matérias sobre a cassação da chapa Dilma e Temer, nos três dias do julgamento no TSE, entre 7 e 9 de junho de 2017. Atingindo um total de aproximadamente 260 000 (duzentos e sessenta mil) compartilhamentos.

Retomando os caminhos metodológicos, é importante ressaltar que utilizamos a teoria das representações sociais, que tem como autor principal, Serge Moscovici e os demais autores que embasam a nossa discussão, elencamos Bertoni; Galinkin; oliveira (2017). Em seus esclarecimentos, Moscovici (2007) inaugura com a Teoria das Representações Sociais (TRS) um novo enfoque sobre a construção do conhecimento, em que leva em consideração aspectos da psicologia social, no qual ele afirma: “o conhecimento é gerado, transformado e

¹⁹ Informações obtidas no site da plataforma pragmatismo político.

²⁰ Projeto do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da USP que busca mapear, mensurar e analisar o meio de debate político no ambiente virtual, desde 2016. Disponível em: <https://m.me/monitorodebatepolitico?fbclid=IwAR3kjqWQiStJb96pQXFImS5fVVVdPXwoGfa42dql6nxsm-U6P-gsNCO8Nis> . Acesso 01 mar. 2019.

²¹ Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/.../filho-de-porteiro-e...> . Acesso em: 01 mar. 2019.

projetado no mundo social.” (MOSCOVICI 2007, p.6). Ele compreende que comportamento do homem na sociedade é orientado pelo seu conhecimento do senso comum, conjunto de ideias, explicações e coerência que são resultados da sua interação social. Nas palavras do autor Moscovici o conhecimento apresenta como produto da “interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados.” (MOSCOVICI 2007, p.8).

Neste aspecto, é importante destacar as contribuições das leituras do antropólogo Serge Moscovici ²² (2007;2004;2017) para essa pesquisa. Nas palavras de Oliveira *apud* Moscovici (2004, p.180): “Seus trabalhos e sua teoria das representações sociais (TRS) tem influenciado ao longo das últimas quatro décadas pesquisadores tanto na Europa como nas Américas, incluindo o Brasil”.

Moscovici (2007) observou que certos conceitos da psicanálise estavam sendo empregado nas práticas cotidiano dos indivíduos, ou seja, o homem comum consegue interpretar o que está a sua volta por meio processos cognitivos e sociais, gerando uma representação coletiva ou social. Moscovici declara que:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI 1976, p. 13).

Dessa forma, o autor compreende que o homem consegue produzir conhecimento por meio da linguagem, comunicação e das práticas cotidianas dos atores sociais, esse novo saber é intitulado de senso comum, para Moscovici o senso comum é “a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode operar.” (MOSCOVICI, 2007, p. 48). Berger e Luckmann (2013 p.38) confirma em suas palavras que “A linguagem da vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. ”

²² Psicólogo Romeno radicado na França. Uma das suas principais obras *La psychanalyse, son image, son public* University Presses of France, 1961/1976. Autor de doze livros individuais e quatorze organizados em colaboração de outros autores.

Por intermédio de sua obra, Sergio Moscovici (2007) caracteriza o pensamento, posto isto estabeleceu-se que o conhecimento ele tem dois universos: os reificados (da ciência) e os consensuais (do senso comum). Segundo o autor o conhecimento por meio da ciência compreendemos o universo retificado, enquanto as representações coletivas, tratam do universo do consensual, ou seja, do senso comum que são criadas pelos processos de ancoragem e objetivação que serão explicados no decorrer do texto.

É o senso comum orienta o conhecimento prático. Dessa forma, os ensinamentos propostos por Moscovici (2007) corroboram com a investigação desse trabalho dentro do *Facebook*. Por conseguinte, podemos inferir que o comportamento do usuário nas redes sociais será determinado pelo conhecimento consensual, a prática compartilha dentro da bolha social que ele insere o conhecimento retificado não exerce influência sobre o sujeito.

É importante ilustrar o que Bourdieu (1989) elucida acerca do senso comum e para tal, se faz necessário uma compreensão de uma de suas ideias, herança deixada pelo sociólogo denominada de “ilusão naturalista”. Essa definição considera a forte tendência do indivíduo em naturalizar as manifestações humanas, quando na verdade essas manifestações decorrem de construções sociais. Nesse sentido, o nosso próprio corpo é tomado por manifestações que não são naturais, e sim sociais.²³

A ilusão naturalista é um dos fenômenos que consegue explicar a produção, reprodução e dominação dentro do *Facebook*. Ao se posicionar com determinada opinião e comportamento nas redes sociais, os usuários não percebem que estão embebidos por uma ilusão que é o poder de manipulação/dominação da bolha social que ele estabelece relação, ou seja, tudo que adquirimos na vida é construído socialmente.

Nesse ínterim, também realizamos pesquisa bibliográfica, pois esta, nos permitiu a levantar referências teóricas já estudadas, por meio de artigos científicos, livros e publicações disponíveis em sites acadêmicos. Dessa feita, esse tipo de pesquisa, nos permite se apropriar das produções realizadas sobre o assunto a ser explorado. (FONSECA, 2002, p. 32).²⁴

Os dados coletados apresentam um viés político. Todos o material foi extraído da página Pragmatismo Político no Facebook, o endereço eletrônico

²³ Aula ministrada pelo Dr. Clovis Barros Filho. Disponível em:

https://issuu.com/espacoetica/docs/bourdieu_aula_1_-_o_campo_social. Acesso 21 abr. 2019.

²⁴ Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

www.facebook.com/PragmatismoPolitico através da “Ferramenta de Captura”, do Windows, de modo que extraímos a publicação.

Dito isto, as postagens foram capturadas do mês de janeiro (28/01/2019) ao mês maio de (15/05/2019). Ademais, realizamos a investigação para encontrar uma ferramenta que mais se adequasse ao objeto de estudo. Dessa forma, optamos inicialmente em utilizar a ferramenta *NETVIZZ*²⁵ como instrumento de categorização de dados por possibilitar uma extração de dados mais completa que engloba diversas vertentes e que oportuniza ao pesquisador exportar dados em formatos de arquivo de diferentes serviços de rede social Facebook, por exemplo perfil pessoal, páginas e grupos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análises de Dados- IBPAD, a ferramenta viabiliza a extração de conteúdo textual das postagens e comentários, e também dados referentes ao número de likes, comentários, compartilhamentos e reações”.²⁶

No total, somaram mais 600 postagens o que dificultaria a triagem no *corpus* do objeto, já que a ferramenta não faz a leitura precisa dos caracteres. Para a finalidade da pesquisa, apoiamos na observação e no teórico Moscovici (2007) e optamos estabelecer critérios de inclusão, dentre estes elencamos os seguintes: postagens que versam sobre conteúdo político referente a conjuntura atual no Brasil, relativos a temas sociais, como educação, recursos do fundo público, assim como notícias que envolveram uma das figuras políticas mais conhecidas no Brasil e ex-presidente Lula, e portanto, essas notícias podem causar impactos diretos e indiretos em âmbito nacional. Assim como utilizamos postagens que foram publicadas no site em um curto espaço de tempo, por conseguinte, com intervalo de menos de vinte e quatro (24h) horas e tiveram significativos compartilhamentos, curtidas e comentários, e sinalizavam relevantes indicações para a pesquisa. Destacamos ainda a preferência em selecionar postagens que apresentem acima de mil curtidas ou reações, esse padrão escolhido é motivado pelo capital, elemento chave para suportar a estrutura, funcionamento e classificação do campo social.

Bourdieu (1998) define o Capital Social como:

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de

²⁵ NETVIZZ (apps.facebook.com/netvizz) – Software desenvolvido pelo pesquisador Bernard Rieder, no contexto DMI- Digital Methods Initiative (Universidade de Amsterdam).

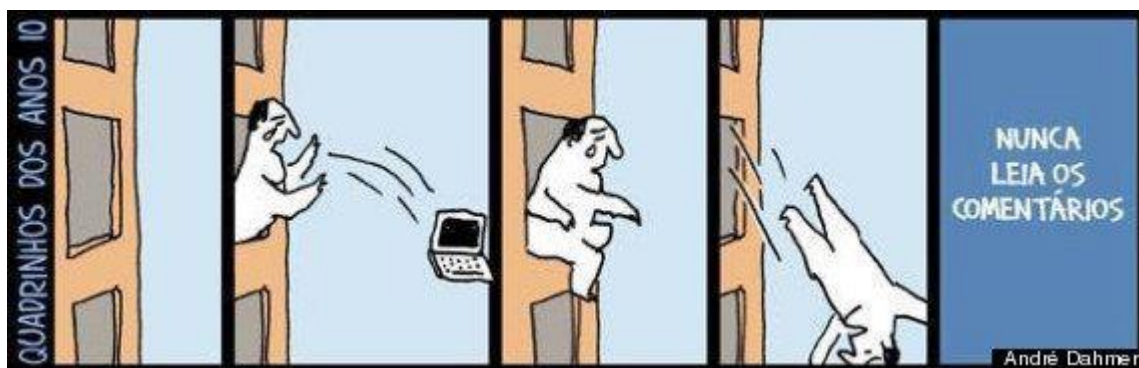
²⁶ Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/>. Acesso em: 05 jun. 2018.

interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Em relação aos critérios de exclusão, dentre estes: todas as postagens que versam sobre conteúdo aleatório, como anuncio publicitário, matérias sobre entretenimento, curiosidade sem nenhuma relação direta com o objeto da pesquisa foram descartados. Postagens que foram publicadas em intervalo maior que vinte e quatro (24h) horas e que não alcançaram repercussão entre o público.

Dessa forma, as análises foram embasadas pelos critérios referendados, assim como cabe destacar, que os conhecimentos trazidos pelos docentes em sala de aula, os seminários apresentados pelos discentes, bem como os debates realizados em classe e extraclasse em muito contribuíram para a construção do conhecimento aqui desvendado.

Podemos dizer que o processo de elaboração dessa dissertação durou árduos e gratíficos vinte e quatro meses. Acreditamos que contribuímos para problematizar a maneira como a violência simbólica se dissemina assim com a possibilidade de ampliar o conhecimento da temática. Em síntese, o trabalho propiciou a pesquisadora um novo olhar sobre a vida, a forma de pensar, de aprender, de escrever e de produzir. Diante do percurso metodológico apresentado, partiremos para conceituar e compreender a violência simbólica, no próximo capítulo.



Fonte: Huff Post

“A mente é uma metáfora do mundo dos objetos, que é em si apenas um círculo interminável de metáforas que se refletem mutuamente.”

Pierre Bourdieu

2. **HASHTAG²⁷ VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES**

O conceito da violência simbólica não é popularmente conhecido no dia-dia das pessoas, embora não seja restrita ao meio acadêmico, ele não se espalhou com tanta facilidade como a chamada expressão *hashtag*. Essa palavra chave vem sendo utilizado com frequência nas redes sociais, na mídia e no cotidiano com o objetivo de possibilitar um agrupamento sobre determinado assunto. Nesse sentido, as *hashtag* surgem como tendência em meio as novas tecnologias digitais. Ela é carregada de símbolos que esses moldam as condutas dos comportamentos sociais. Nesse debate, compreendemos que a categoria ‘violência simbólica’ é fundamental, assim como discorreremos sobre a trajetória do referido autor e sobre a elaboração de seus conceitos.

Pierre Bourdieu importante sociólogo francês, nasceu em 1930, na cidade de Deguin no interior da França, sua família era de origem camponesa. Em 1954 obtém o título de graduando do curso de Filosofia, na *École de Sociologie du Collège de France*. Após graduado, segue para Argélia (então colônia francesa) para prestar o serviço militar obrigatório. No ano de 1958 assumi na Argélia a cadeira de professor assistente na faculdade de letras. Em 1960 tornar-se assistente do Raymond Aron, sociólogo, autor de vários clássicos da sociologia. Logo em seguida, Bourdieu se integra ao Centro de Sociologia Europeia, em 1962, é convidado a assumir o cargo de secretário geral. Lecionou em importantes universidades de Harvard e o Instituto Max Planck de Berlim. Fez críticas e reflexões acerca da formação do sociólogo, ficando conhecida como “Sociologia da Sociologia”.²⁸

Muitas produções do renomado sociólogo francês aconteceram no ano de 1960 a 1980, que a nível mundial são extremamente influentes para o campo da sociologia. Existem vários

²⁷ De acordo com a revista Super Interessante, o símbolo da cerquilha (“jogo da velha”) foi sugerido por Messina, ex-funcionário do Google para juntar tuítes sobre uma mesma temática. Em junho de 2013 o Facebook adotou o uso das hashtag nas suas redes sociais.

²⁸ Disponível em: https://www.ebiografia.com/pierre_bourdieu/. Acesso em: 03 mar. 2019.

conceitos chave que permeiam essas obras e serão discutidos ao decorrer desse capítulo. Bourdieu, filósofo contemporâneo, perfilhava que pensadores clássicos como Max, Weber e Durkheim contribuíram para sua sociologia, de tal forma, que sopesa, articula e reformula suas ideias, apontando os aspectos sociais e estruturais em meio a miopia ética e moral da sociedade.

A sociologia relacional de Pierre Bourdieu (1989) indica um apreço pela análise da realidade, “É preciso pensar relacionalmente. Como efeito, poder-se-ia dizer deformando a expressão de Hegel: o real é relacional” (BOURDIEU 1989 p.27-28) em que os agentes e instituições estão em constante relação uns com os outros, assim, a realidade social só existe por conta dessa leal relação. E para abordar a realidade relacional, Bourdieu criou um cabedal de conceitos.

A básica que sustenta os conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu (1989) como espaço social, *habitus*, campo, capital e poder simbólico, é que a realidade se fundamenta não nos fatos sociais por si, mas sim, pelas relações existentes entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, entender o conceito de violência simbólica estabelecido por Bourdieu instiga percorrer caminhos investigativos que o próprio autor percorreu para isso, abordaremos a sua própria sociologia.

Bourdieu (1989, p.7) em sua obra Poder Simbólico, esclarece sobre o poder simbólico como aquele se avista em todos os espaços sociais e se permeia à primeira vista de invisibilidade, mas que em geral é ignorado pelos indivíduos. Nessa perspectiva, o autor entende que para o poder simbólico ser exercido se estabelece um acordo tácito “daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989. p.8). É o poder que ajuda a construir uma realidade. Nos escritos de Pierre Bourdieu sobre “poder simbólico” assim está disposto:

[...] poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário [...] (BOURDIEU 1989, p. 7).

O conceito de violência simbólica é basilar na compreensão dos mecanismos de manutenção da ordem social. E o autor compreende que o processo de construção do poder

simbólico, se legitima através de mecanismos existentes nas relações sociais, conforme esclarece o autor na afirmação a seguir:

É uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital simbólico e, em especial o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU 1989, p. 15).

Para Bourdieu (1989) a arte, religião, e a língua são estruturas que formam os sistemas simbólicos, esses “[...] ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. ” (BOURDIEU, 1989 p. 09). Dessa forma, a função do poder simbólico é central para legitimação da dominação de uma classe sobre outra, a rigor, explicita o autor:

[...] É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, [...] para a ‘domesticação dos dominados’. (BOURDIEU, 1989. p. 11).

Em outras palavras os instrumentos de poder simbólico são fundamentalmente instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, que se revelam por meio da comunicação, garantindo àqueles que os possuem a manutenção e o exercício do poder. Já em uma perspectiva durkheimiana, os sistemas simbólicos do pensamento de Pierre Bourdieu podem ser vistos como uma representação coletiva. (BOURDIEU, 1989). Por isso mesmo, sua manifestação se dá de uma forma que não pode ser percebida conscientemente, ou seja, “as diferentes classes sociais estão em constante luta simbólica para atribuírem a construção do mundo social de acordo com os interesses do dominador sobre os dominados”. (BOURDIEU, 1989, p.11). Ademais o autor complementa em relação aos sistemas ideológicos:

os sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima e por meio dessa luta, sendo instrumentos de dominação estruturantes pois que estão estruturados, reproduzem sob forma

irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais, a estrutura do campo das classes sociais (BOURDIEU, 1989, p. 12)

Esses sistemas também se manifestam através no *Facebook* e tem despertado as mais variáveis formas de construções e manifestações simbólicas de poder. Ela tem se tornado um campo para quem busca o exibicionismo da vida privada com forma de acessão social. Nas palavras de Bauman (2001) o “privado que coloniza o espaço público, espremendo e expulsando o que quer que não possa ser expresso inteiramente.” (BAUMAN, 2001, p.49). Estas *práxis* têm influenciado cada vez mais o *modus operandi* dos sujeitos por meio de ações (postagens, selfies) forjando um comportamento que reflete a somente uma dimensão realidade, mas que por outro lado, sustenta e se mostra eficaz para a manutenção das estruturas sociais.

Segundo Bauman (2001), “A individualização chegou para ficar; toda a elaboração sobre os meios de enfrentar seu impacto sobre o modo como levamos nossas vidas deve partir do reconhecimento desse fato” (BAUMAN, 2001, p. 47). Diante desse contexto, a missão institucional do Facebook é “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo”²⁹, e por meio do poder simbólico institui novos valores, formam julgamento e percepções sobre um determinado posicionamento/crença, “é o poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo, um conformismo lógico. ” (BOURDIEU, 2011, p. 9). Dessa forma, de poder simbólico se exerce conforme o seguinte processo:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece, também, uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU 2012, p. 7; 8).

A cor da pele para o autor aparece como determinante nas relações sociais como um elemento fundante, definindo as relações de dominação e legitimada através dos processos

²⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal. Acesso em: 06 maio. 2019.

sociais. Nesse sentido, não podemos perder de vista que a realidade brasileira é marcada pelo processo escravocrata que marca profundamente a história da sociedade brasileira, onde o negro é tratado como inferior e condicionado a sofrer formas de opressões que são pré-estabelecidas ao nascer. (SOUZA, 2017)

A violência simbólica, além de ser um produto das relações históricas de dominação nos espaços sociais, passa a residir também nos espaços on-line. Entender como se para isso, é preciso pensar como esses processos estão, assim, (re) construindo sentidos e discursos e como essas redes estão alterando os modos de ser, agir e dizer.

Ainda, a violência simbólica é assimilada e transmitida pela sociedade sem questionamentos, como uma verdade absoluta que não necessita de nenhum tipo de reflexão. Esse tipo de violência é fundamentalmente determinado por meios – “sistemas” – dos discursos presentes nas relações de comunicação e de conhecimento. Esta violência quase invisível, acontece de forma suave, de acordo com Bourdieu (1930):

[...] onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (BOURDIEU, 1930, p.25)

Para investigar a violência simbólica dentro das bolhas da internet, precisamos, assim, inicialmente, verificar com se dá o processo de produção das bolhas da internet, que tipo de mecanismos podem facilitar para que esses atores sociais sejam “embalhados³⁰”. Por isso, para atingir uma discussão bem organizada é de fundamental importância, uma abordagem inicial, para que se inclua as bolhas da internet.

A violência, examinada Žižek (2008, p. 9), assume três formas de serem percebidas: a violência subjetiva (crime, terror), é a forma mais visível, e é facilmente percebida pelas pessoas; a violência objetiva (racismo, discurso do ódio, discriminação) já, menos evidente, mais própria da estrutura social; a violência simbólica na percepção cotidiana que ela se apresenta ou na sua forma mais simbólica ou de maneira mais sistêmica.

A violência simbólica é aquela que advém da linguagem, das imposições discursivas. Já a violência sistêmica (os efeitos catastróficos dos sistemas econômicos e políticos) está nas estruturas sociais. Para o autor, as violências simbólicas e sistêmicas se retroalimentam, em

³⁰ Termo utilizado para a similaridade comportamentos de forma coletiva utilizadas pelos atores sociais dentro das plataformas de comunicação on-line.

uma lógica capitalista, em que o papel delas reforçam as estruturas sociais reproduzindo as relações de dominação e violando a capacidade de ver os outros, levantando questões complicadas (ŽIŽEK, 2008).

Nessa perspectiva, o poder simbólico e a forma como este se manifesta é indissociável de outras categorias centrais analisadas e exploradas pelo autor referendado. Para tanto, com o objetivo de compreender a teoria empregada pelo Bourdieu, é indispensável compreender o conceito de *habitus*.

2.1 *Habitus*

Habitus é um dos amplos conceitos desenvolvidos por Bourdieu e transporta ao entendimento das disposições existentes entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, *habitus* nada mais é do que as disposições incorporadas pelos agentes sociais. As evidências sociais nos agentes se externam pelo seu modo de ser, falar agir, e se comportar socialmente. É a evidência dos processos de socialização a qual todo agente social passa nos mais diversos meios sociais de que faz parte. (BOURDIEU, 1989)

Bourdieu conceitua “*habitus* destacando que é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 1969 p.61). Dessa maneira, o *habitus* está nos corpos dos agentes sociais, encontra-se na *hexis* corporal, por vezes, mais mecânicos, mais instintivo, ou seja, o ator social apreende de alguma forma, de tal maneira que é incorporado de forma automotiva, quase invisível, sem deixar rastros de percepção. Esse processo de *habitus* é transmitido pelo processo de socialização, no contato contínuo com o meio social. (BOURDIEU, 1989)

Bourdieu (1989) considera importante o conceito *habitus* revela como as estruturas sociais incorpora de fato no corpo do agente social. É um princípio da ação social em nós. O corpo está no mundo social, e o mundo social está no corpo. É a incorporação do social realizadas pelos processos de aprendizagem. Mas é preciso salientar, não é algo consciente refletido pelo indivíduo. O *habitus* é o social em atos nos nossos corpos, gestos, falas, nas expressões do nosso sentimento. É uma fala ou um linguajar transmitido pelo meio social dos que utilizam alguns grupos na face.

O *habitus* põe em evidência as capacidades criadoras, ativas e inventivas, dos indivíduos. (...) o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido, e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural – mas sim, o de um agente em ação (...) (Bourdieu, 1992:61)

Explicitando a realidade brasileira, temos a campanha política do ano de 2018, realizada por um dos candidatos ao pleito e que conseguiu inclusive vencer seus adversários na eleição presidencial. As estratégias utilizadas pelo candidato foram desencadeadas a partir de determinados *habitus* que estavam arraigados na sociedade brasileira e foram despertados por expressões curtas, diretas e por vezes, carregadas de conteúdos violentas. Em que poder simbólico se apresentou legitimado pela sociedade. Dentre essas expressões elencamos: “vamos acabar com a corrupção”, “bandido bom é bandido morto” “Gente envolvida não vai ter vez” “Onde há fumaça há fogo: se é investigado, tem o rabo preso”. Essas expressões atreladas ao discurso armamentista, demonstram a legitimação do *habitus* na relação entre a sociedade e a política. Assim, para Bourdieu (1989) o que define seu comportamento é prática do *habitus*. E Souza (2017, p. 8) traz à baila a partir da análise da sociedade brasileira que:

nosso comportamento é determinado por uma visão do mundo e das coisas do mundo que é “construída”, [...] esse “sentido do mundo”, nos parece, então, “natural”, dado que nascemos sobre a influência dele, e são pessoas amadas e admiradas, em casa, na escola e na televisão que nos apresentam a ele.

Nas redes sociais, não é diferente, a reprodução dessa visão de mundo é vigente. Temos como exemplo, a questão da popularidade pessoal, para ser considerado um influenciador das redes, aquele usuário precisa ter um grande número de amigos, fotos de selfies, mostrando um certo tipo de ostentação, fotos em diversos lugares aparentando um poder aquisitivo alto, utilização de editores de imagens nas fotos, bastantes likes, compartilhamentos e comentários, *tags* (palavra em inglês que significa rótulos) do momento. Ele se comporta com influenciador, mesmo que seja de forma inconsciente.

O *habitus* levará o ator social relacionar-se com pessoas que tem as mesmas opiniões posições semelhantes as tuas, mesmo que elas sejam de outros campos (as mesmas pessoas sempre vão aos mesmos lugares e elas acham que o mundo é pequeno, mas não é isso, elas apenas ocupam graduações semelhantes em campos sociais diferentes e vão a lugares equivalentes), isto é incrível, é demais, e a pessoa não vai perceber (inconsciente), porque adquire o *habitus* de dominantes ou de dominados. A pessoa não irá ao restaurante que o seu

chefe vai aos domingos, poderá até ir uma vez e deixar seu salário lá, mas geralmente não irá, e nem ele irá à bandeirão que o empregado vai almoçar todo dia. As pessoas acabam sendo movidas por determinados interesses, não há ação desinteressada no mundo. O interesse dos dominados em ascender no campo é que sustentam os interesses dos dominantes.

Todos atores sociais estão investidos dos mais variados *habitus*. No espaço social maior ou nos campos sociais somos socializados nos nossos corpos e no nosso jeito de ser e estar no mundo. Parafraseando Bourdieu o *habitus* é a expressão que os processos sociais foram efetivos. Por exemplo, um internauta apresenta determinados *habitus* daquele campo social que ele integra e interage, formando assim as bolhas sociais.

Para Bourdieu (1996) todos “bens” (um lápis, por exemplo, não é apenas um lápis) simboliza algum poder sincronizado a determinado espaço social que, dispondo de distintos *habitus*, estabelece, heterogêneas, homogêneas e paradoxalmente, condutas de agir e modos de pensar uma coexistência cultural e de classes em que há continuamente uma luta de legitimação e dominação de interesses.

2.2 Espaço Social

Bourdieu (1989), define espaço social como uma grande estrutura de relações sociais, para melhor compreensão exemplificaremos, a sociedade brasileira é uma estrutura que é composta por outras pequenas estruturas de relações sociais que são os campos sociais. Segundo o francês todo espaço social maior é atravessado por hierarquias de posições sociais “superiores” e “inferiores”. Nas palavras de Bourdieu a definição de espaço social:

“(...) conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas uma em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre; (...)”. (BOURDIEU, 1996, p. 18-19).

Para ocupar uma posição social desta é necessário que as pessoas ou agentes sociais acumulem/conquistem certos capitais gerais e ou específicos. Bourdieu diz:

As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e, sobretudo, as maneiras, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou

conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como signos distintivos. (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Os principais tipos de capitais no espaço social, considerados como maiores, são capital econômico ou material e o capital cultural. Bourdieu (1989) defende que todo tipo de capital é um princípio de diferenciação e são os tipos de capitais dotam seus possuidores da capacidade de ocuparem posições sociais superiores no espaço social que fazem parte. No entanto, as práticas condicionadas aos agentes não acontecem de maneira espontânea, e sim por meio do simbólico que é minado de poder, e nenhum agente consegue se blindar das ações e efeitos dele.

2.3 Campo Social

Um campo social é um espaço de posições sociais, onde agentes sociais ocupam posições sociais. Ao se relacionar, as relações sociais estão circunstanciadas pelas posições sociais ocupadas por daqueles que se relacionam. Todo campo é um espaço estruturado de posições sociais. (BOURDIEU, 1974)

Nessa perspectiva, não se trata de um espaço físico. É uma pequena estrutura de relações sociais. Um corpo profissional, por exemplo. Uma estrutura social composta por posições hierárquicas e paritárias com um ou mais espécies de capitais específicos. É um espaço social menor e é constituído por lutas em torno da ocupação de posições sociais “superiores” na sua pequena escala social. (BOURDIEU, 1974)

Todo campo social é, assim, um campo de forças de competições e conflitos. E é dotada de regras próprias. Os agentes sociais que fazem um campo social particular buscam acumular os capitais específicos deste campo e, assim, ocupam posições “altas” e ganham as benesses e privilégios associados a estas posições. (BOURDIEU, 1974)

Existem muitos e variados tipos de campos sociais nas nossas sociedades modernas. E em cada um desses campos existem posições sociais “altas” que se tornam objetos de “consagração social”. Tomando como exemplo o campo jornalístico uma das posições sociais consideradas mais altas e de grande valor para o campo do profissional jornalista, é a emissora globo, monopólio midiático nacional.

2.4 Capital Cultural

É um conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridas em diversos espaços de socialização na vida dos indivíduos. Dentre esses temos, aquisições obtidas na família, na escola na faculdade, no ambiente de trabalho, no exercício de uma profissão, dentre outros. O capital cultural é uma espécie de “moeda” rara que é desigualmente distribuída nos meios sociais menores e maiores de que fazemos parte. Na família e na escola são primeiros espaços sociais que distribuem tais “moedas”. (BOURDIEU, 1974)

Podemos destacar alguns tipos de capitais culturais na sociedade brasileira, como falar bem o português dominar as regras gramaticais deste. Assim como ser fluente em um idioma estrangeiro, ter conhecimento de determinadas obras de artes consideradas sofisticadas, assim como acesso a certos estilos musicais, dentre outros.

No espaço social tido com hegemônico nas nossas sociedades contemporâneas, alguns desses tipos de capitais culturais acima elencados são importantes para fazer com que os seus possuidores ocupam e mantenham posições elevadas. Nos campos sociais elevados, como por exemplo, o campo jurídico, existem capitais culturais também específicos que dotam os seus possuidores, a capacidade de ocuparem elevadas posições de seus campos respectivos. E todo tipo de capital cultural pode proporcionar e, por vezes, proporciona benesses aos seus possuidores. (BOURDIEU, 1974).

No espaço social maior a posse de determinados capitais culturais pode trazer benesses como “bons casamentos, bons empregos, passar em concursos públicos e outras benesses associadas aos campos sócios específicos. O exemplo é a profissão de Médico, estes sendo possuidores de grande capital cultural, ótimas habilidades e conhecimentos na medicina, podem conquistar melhores cargos funcionais, serem prestigiados entre seus pares e, também ganhar mais dinheiro mais capital econômico. (BOURDIEU, 1974).

2.5 Capital Simbólico

O capital simbólico é a representação social dos outros tipos de capitais correntes no espaço social e nos campos sociais. Todo capital cultural e todo capital econômico simbolizam algo. Representam uma ideia. São também, representações coletivamente

imaginadas. O diploma universitário de um médico é um capital cultural para seu possuidor, isto porque tal diploma de medicina representa uma valoração para este ou esta que o detém e para a sociedade. O diploma é, também, um capital simbólico. (BOURDIEU, 1974).

Um exemplo, podemos nos referir a um estudante universitário, que ao ir para faculdade se desloca em um carro de marca sofisticada e alto valor, por vezes, ele poderá ir de ônibus ou de bicicleta. No entanto, não se trata de uma simples ação, de modo isolado, mas, da representação que ela encobre. A indicação do seu capital econômico aparece exatamente representada pela utilização desses objetos materiais. Um estudante possui um carro de marca sofisticada e alto valor, pode ir de bicicleta ou de ônibus para faculdade, mas uma pessoa que só possui apenas uma bicicleta ou não possui sequer algum transporte, e utiliza o ônibus para seu deslocamento, não indica que é alguém com poder aquisitivo financeiro. Ao contrário de alguém possui o carro consegue simbolizar

Assim como ser considerado um aluno/aluna intelectuais ou ativamente políticos em certos movimentos. Esses talvez sejam os capitais simbólicos que importam nos centros de humanidades das universidades brasileiras. O pensador ou a pensadora, ou melhor, as boas cabeças pensantes, intelectuais, os estudiosos podem ser estes, os detentores de capitais simbólicos importantes no campo acadêmico.

2.6 Violência sistêmico-simbólica

A violência sistêmico-simbólica para Bourdieu (1989) é um tipo de violência imbricada nas relações de poder entre grupos sociais e que acaba por construir o que consideramos a nossa realidade, e a sua relação com o os discursos.

Bourdieu, em meados do século XX, investiga as dimensões simbólicas, ou seja, o sistema simbólico apresenta como “representação alegórica do mundo natural e social dividido em termos de classes antagônicas” (1992, p.XV). Ele descreve o processo pelo qual a violência simbólica é institucionalizada e se revela nas práticas sociais dos atores sociais, de forma natural e inevitável.

A violência simbólica, conforme Bourdieu (1989) se refere para descrever o processo pelo qual as classes impõem sua cultura aos dominados. Incorpora sua ideologia, aceita sua condição se torna um protetor irremediável de quem o domina. O grupo subordinado

incorpora uma ideologia da classe dominante, aceitando sua resignação, mesmo que essa determinada ideologia se sobreponha aos seus interesses. Todo ato de violência é uma privação.

Inexaurível e extenso é o debate sobre a violência. E pensá-la unicamente como uso propositado de extrema coerção contra os corpos dos atores sociais, provocando ferimentos e mortes, é restringir o seu conceito afastando outros tipos que acontecem dentro do universo social. Importante refletir sobre outros tipos de violência, e com o intuito de complexificá-la, parto inicialmente da seguinte constatação: acompanhamos de maneira explícita ou implicitamente a marcha veloz da violência simbólica apresentada, muitas vezes de forma sutil e despercebida. Conforme ressalta Bourdieu (1989), não significando dizer que essa que advém dos signos da linguagem é menos violenta do que aquela que apresenta a força física como atributo principal. Definidos embora que sinteticamente os conceitos do autor Bourdieu, cabe refletir sobre os avanços tecnológicos e como esses podem fortalecer a reprodução da violência.

2.7 Revolução tecnológica: avanço social ou reprodução da violência?

Segundo Castells³¹ (1999, p.43) a revolução tecnológica adentrou nas atividades individuais e coletivas, e para um melhor esclarecimento do processo de transformação econômico, social e cultural da sociedade, é importante perceber a influência tecnológica. O autor esclarece “ que a tecnologia não determina a sociedade” já que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p.43).

Na era digital, os avanços tecnológicos ampliam a velocidade de mutação nos espaços virtuais, reconfigurando os símbolos, provocando uma nova forma de relação sociais em seus atores. As manifestações em redes sociais podem ser conhecidas em frações e segundos, e essas por sua vez podem ser materializadas em espaços físicos. Sodré (2002) aborda o conceito de “turbocapitalismo” para uma melhor compreensão dos avanços:

As novas tecnologias apoiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital (o ‘turbocapitalismo’) esse

³¹ Intelectual espanhol, sociólogo e economista, considerado atualmente como referência em estudos referentes ao campo da Sociologia da Informação.

processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de ‘globalização’ e cuja autopropaganda, atravessada pela ideologia do pensamento único, lhe atribui poderes universais de uniformização. Na realidade, esta última característica é mais postulado do que fato, uma vez que a globalização mostra-se claramente regional (os investimentos concentram-se em determinadas regiões do mundo) no seu modo de ação. Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas teletecnologias – globalização é, portanto, um outro nome para a ‘teledistribuição’ mundial de pessoas e coisas. (SODRÉ, 2002, p. 12).

Manuel Castells (1999), em seu pensamento, considera importante perceber a nova dinâmica do capitalismo que tem como base a informação, a qual o autor denomina de “*Capitalismo Informacional*”³². O *Capitalismo Informacional* é a maneira a qual a informação é produzida, disseminada, divulgada e como se obtém uma lucratividade a partir da produção dessa informação. De acordo com Castells (1999, p.50-54), “a informação que circula nas redes sociais, como *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*, passa a ter um poder de troca, ou seja, um valor de mercado, muito maior que o próprio poder econômico, em si”.

Elucidando sobre as ideias de Manuel Castells (2002), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) passa a remodelar a base técnica que sustenta a sociedade atual, considerada pelo autor como “coluna vertebral da sociedade”, interferindo de forma profunda nas estruturas sociais. Por exemplo, o *smartphone*, deixa de ser somente um celular, e passa a ter várias categorias de informações e ferramentas inteligentes que permitem a possibilidade de armazenamento de diversos aplicativos e funções, facilitando a disseminação de informações, de tal maneira que a vida das pessoas começa a sofrer mudanças significativas em algum aspecto ou capacidade. Dentro dessa perspectiva macro, assim, todas as dimensões da vida cotidiana foram afetadas, de tal maneira, que a estrutura social foi modificada e transformada, segundo Castells (2015, p. 13).

Com essa popularização das TICs, o alcance dos meios de comunicação se ampliou, os usuários se conectam mediado por um sistema de redes, estreitando e expandindo as relações por meio de “curtidas”³³, “comentários”, “compartilhamentos”, grupos e páginas que acabam por ligar indivíduos que possuem interesses em comum.

Segundo Raquel Recuero³⁴ (2011) em um ensaio intitulado “A Internet e a Nova Revolução na Comunicação Mundial”, esclarece que a Internet oferece ao usuário acesso a

³² Termo criado pelo sociólogo, Manuel Castells, na obra *A Sociedade em Rede* (1999).

³³ Botão que permite o usuário interagir com o outro usuário, sinalizando que a mensagem foi recebida, um *feedback*, sem elaboração de uma resposta. RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, 2014, 28.68: 117-127.

³⁴ Jornalista, e professora da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora em Comunicação e Informação, discute redes sociais, conversação e fluxos de informação, e comunidades virtuais na Internet.

outras mídias, como por exemplo rádio, televisão, jornal, revista, proporcionando uma experiência interativa para o receptor. A mesma autora relata que as relações sociais são modificadas mediante a interação dos atores sociais no ciberespaço.

Conforme nos apresenta Castells (2015) os seres humanos, por meio da interação com o meio social e natural acabam criando significados da realidade, quando conectam, suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato de comunicação.

Para Castells as “Redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999. p.497). A Tecnologia da informação assume a posição central na composição social estruturante.

De fato, a “Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações”. (CASTELLS 2015, p.21). Essa nova forma de comunicação, nas plataformas digitais é o que o referido autor intitula de autocomunicação, porque é no processo de comunicação em que a emissão, recepção e organização da mensagem acontece de forma mais autônoma. A partir de então, a mídia deixa de ser privilégio de poucos, e passa a ser difundida em massa, ou seja, quaisquer pessoas que tenha acesso as plataformas digitais, podem publicar suas opiniões, armazenar suas fotos, compartilhar documentos, dentre outros.

Esse grupo de pessoas reunidas intitulou-se como “sociedade em rede”, um tipo específico de estrutura social, uma realidade inexorável da atualidade que segundo o teórico “os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do poder na sociedade em rede” (CASTELLS 2015, p.24).

Parafraseando o autor a rede é uma estrutura aberta, que se define como um conjunto de nós que estão conectados entre si. O nó nada mais é que o ponto de intercepção, ou seja, é o código de comunicação que permite aos atores estabelecerem sua conexão dentro da rede.

Essa metamorfose que a sociedade está vivendo em decorrência da informação, materializa-se nas dinâmicas exercidas nas relações coletivas e individuais e nas interações entre tecnologia e sociedade.

[...]é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal (vide Monge e Contractor, 2004). (CASTELLS 2002, p.20)

Ampliando nosso entendimento, para os autores Berger³⁵ e Luckman³⁶ a sociedade não é uma invenção ou uma realidade exclusivamente humana, existem muitos exemplos de organização social entre os animais, anteriores ao surgimento do homem e sua organização social.

A organização instintiva do homem pode ser descrita como subdesenvolvida, comparada com a de outros mamíferos superiores. O homem, está claro, que tem impulsos, mas esses são consideravelmente desprovidos de especialização e direção. Isso, significa, que o organismo humano é capaz de aplicar o equipamento que possui por constituição a uma ampla escala de atividades e, além disso, constantemente variável em variação” (BERGER; LUCKMAN, 2013, p.70)

Marx e Engels (1999, p. 100) trata bem disso ao discorrer que “[...] é somente em comunidade [com outros] o indivíduo tem os meios necessários para desenvolver as suas faculdades em todos os sentidos; a liberdade pessoal só é, portanto, possível na comunidade”. Para Berger e Luckman (2013 p. 172, 173), o indivíduo é eminentemente social.

[...] o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. (BERGER; LUCKMAN, 2013, p. 173, 174)

Para Berger e Luckman (1985, p.70) “a realidade é construída socialmente”, a partir das partilhas da relação com o outro. Todavia, o ser humano enquanto ser social está cerceado de signos e é por meio deles que o indivíduo age e interage com o mundo, e nesse contexto a realidade social se constrói por meio dos signos linguísticos. Assim, Berger e Luckman (2013, p. 55) nos afirmam isso ao dizer que:

[...] as objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas primordialmente pela significação linguística. A vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana (BERGER; LUCKMAN 2013, p.55)

³⁵ O sociólogo americano, Peter Ludwig Berger escreveu a obra *The Social Construction of Reality: A Treatise in Sociology of Knowledge* (New York, 1966), com coautoria de Thomas Luckmann, esse trabalho tornou-se relevante e influente para o campo da sociologia, e o desenvolvimento do contrucionismo social. Berger, faleceu aos 88 anos de idade.

³⁶ Thomas Luckmann destaca-se por obras como *A construção social da realidade*, editada por Peter L. Berger, *A religião invisível* (1967) e *Estruturas do mundo da vida* publicada em 1982, junto com o filósofo e sociólogo Alfred Schütz.

Nesse sentido, compreendemos que a linguagem enquanto elemento fundamental para compreendermos a vida cotidiana, assim, ela se materializa de diversas formas, dentre elas através das redes sociais, onde as pessoas de lugares distintos interagem e expressam formas de comunicação que podem apresentar significados diversos. Para tanto, de acordo com Berger e Luckmann (2013), ao nascer, o indivíduo já passa a fazer parte de um determinado grupo. À medida que “a experiência de um ocorre em situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico de interação social” (BERGER & LUCKMANN 2013, p.46), o indivíduo vai reconhecendo os símbolos que caracterizam cada grupo e dessa forma podem passar a ser inseridos em alguns destes, e excluídos de outros.

Segundo Bourdieu (1989, p.10):

“Os símbolos são os instrumentos por excelência da «integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração-mora.”

Dessa maneira, o organismo social funciona, a linguagem faz parte desse sistema de símbolos que compõem a complexa rede social, é importante perceber que o uso da linguagem passa a nortear os mecanismos institucionais dentro de uma sociedade, desse modo, os grupos vão delimitando o seu espaço nela, buscando manter uma identidade como grupo, estabelecendo assim relações de comportamento e poder.

Observa-se, diante da popularização da internet enquanto meio de comunicação, o redirecionamento dos espaços de convívio para ambientes mais virtuais do que reais. Um novo arranjo, no qual, estigmas e representações sociais são cada vez mais fortalecidos e reforçados nesse tipo de espaço. Dentro desse ambiente, a comunicação online acontece de maneira tal, que permite aos usuários se reunirem em grupos que convergem o pensamento. Para Castells (2011, p.23) essas ações coletivas nos grupos avigora a inclinação do homem de quebrar as regras institucionais e valores estabelecidos.

Os ambientes virtuais podem ser um ringue de luta de classes, onde se produzem e reproduzem os estigmas sociais que são reverberados no discurso. Para Bourdieu (1989) um discurso cada vez mais carregado de um tipo de violência sistêmico-simbólica, entrelaçada nas relações de poder entre grupos sociais e que acaba por construir o que consideramos a nossa realidade social.

Os sites de redes sociais são ferramentas que permitem a qualquer pessoa criar uma conta³⁷, permitindo o usuário construir um perfil em que pode escolher o modo de privacidade entre “pública” (aberta para qualquer pessoa visualizar o perfil) ou “privada” (restrito a quantidade de amigos que o usuário possui). A rede de contatos estabelecida pelo usuário, vão se articulando e por meio de conexões e dessa forma a comunicação se constrói. Os usuários de redes sociais, apropriam-se do ambiente online para criar, interagir e expor sua opinião, tecendo comentários e compartilhando informações sobre diversos assuntos, ao ponto de absorvem e repassam determinados discursos com muita facilidade.

2.8 Viralizando e naturalizando: a formação de bolhas na Internet, espaços de violência Simbólica.

A comunicação mediada pelas redes sociais, tendo como instrumento na atualidade não só o computador, mais diversos aparelhos, inclusive o celular, vem estabelecendo formas de comunicação de maneira a romper fronteiras. Nesse íterim, vem transformando a estrutura organizacional da sociedade. Com a ascensão das redes digitais, a informação se encontra, cada vez mais, em constante movimento, circula de maneira dinâmica e permite múltiplas possibilidades entre os atores sociais que as acessam.

Segundo Recuero (2012) as redes sociais ganharam popularidade como espaços de convivência na vida das pessoas, impactando a forma que se constroem e se entendem os valores, e até mesmo como são estabelecidos significados e sentidos para a realidade. Por conseguinte, o processo de comunicação e os discursos encontraram novos contextos, que não só reflete as redes, mas influenciam sua construção e, conseqüentemente, os fluxos de informação que circulam nesses sites de relacionamento.

Atualmente, podemos observar que a informação é móvel, basta um simples toque na tecla do smartphone e a informação estará disponível quando, onde você quiser. É praticamente impossível ficar indiferente a informação que chega nas “suas mãos”, e dessa forma o homem se sente livre para, curtir e compartilhar o que está acessando. Sente-se confortável em fazer um comentário, e assim, expressar livremente sua forma de pensar sem medir as conseqüências das suas palavras.

³⁷ É um cadastro gratuito que permite acesso ao site www.facebook.com. Depois de concluir o cadastro com informações pessoais, o usuário terá seu próprio perfil, no Facebook, espaço de interação, em que fotos, vídeos, comentário que podem ser compartilhados entre as conexões dos participantes.

Bauman (2011) sobre o fenômeno da internet e a possibilidade de um fluxo maior e mais rápido da informação:

[...] todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos (BAUMAN, 2011, p. 8).

Ainda sobre a enxurrada de informação Bauman (2011) diz:

Felizmente? Bem, talvez nem tanto, pois o pesadelo da informação insuficiente que fez nossos pais sofrerem foi substituído pelo pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações que ameaça nos afogar, nos impede de nadar ou mergulhar (coisas diferentes de flutuar ou surfar). Como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o alarido sem nexos? (BAUMAN, 2011, p. 8).

Segundo Levy (1996), a internet é, em sua essência, um meio de comunicação. Diante disso, a internet tornou-se um espaço público onde as pessoas têm a liberdade de expressar o que sentem e pensam.

Para Castells (2017, p.21), as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de produção social de significado, mediante ações por parte dos usuários que acontecem de forma amplamente desimpedida. Desta feita, a comunicação é socializada conforme a transformação tecnológica, possibilitando uma penetrabilidade dos meios de comunicação em toda as dimensões da vida social, em uma rede que é ao mesmo tempo global e local, genérica e personalizada, em um padrão de constante mudança. (CASTELLS, 2017).

Segundo dados dos relatórios da *We Are Social e da Hootsuite* de 2018, mais de 4 bilhões de pessoas, o que corresponde a mais da metade da população mundial, está conectada à internet³⁸. Os dispositivos inteligentes como *tablets* e aparelhos de smartphones, em resumo, dispositivos tecnológicos inseridos em rede, provocam uma experiência mais instantânea, assim, as redes sociais também crescem nesse cenário digital em que mais de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo tem acesso a pelo menos uma rede social por meios dos dispositivos móveis. Tem-se como rede sociais online as ferramentas de informação em que o compartilhamento de conteúdo multimidiáticos acontecem entre os seus usuários, dentre

³⁸ Relatório Digital Global 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 25 abril 2018.

algumas redes sociais de relacionamento temos o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, *YouTube*.

De acordo com o mesmo relatório, a rede social Facebook é ainda a que mais domina o cenário social global, com quase 2,17 bilhões usuários no início de 2018. Atualmente o Facebook, plataforma de interação social, é utilizado por aproximadamente por 2,6 bilhões de pessoas no mundo, constituindo a maior rede social do planeta, dissemina diariamente determinadas cargas de conteúdos e significados, e por esse motivo acaba ajudando a exportar, reproduzir e legitimar certos discursos carregados de preconceitos, estigmas, que fortalecem a discriminação social, somado a certeza de impunidade. Quantas vezes julgam certa opinião como correta, ou mesmo validam determinados discursos e se age com o rigor de uma moral irrefutável.

O *Facebook*³⁹ é uma mídia social digital, a mais popular entre os brasileiros, com mais de 130 milhões de usuários no Brasil utilizando essa rede social mensalmente, conforme dados do *We Are Social e da Hootsuite* 2018. No *Facebook* o usuário pode criar o seu perfil, que consiste, em uma plataforma interativa, onde os mesmos interagem entre si, por meio de envio de mensagens, comentários formando uma rede virtual.

Muitas são as teorias e os estudos em busca de conceitos que expliquem o sujeito e suas relações com o meio social. Frequente, também, são as análises sobre os sentimentos e a discurso violento dentro das redes que existem nos atores sociais. Entretanto, entendemos que pouco avançaremos se estudarmos essas realidades separadamente. Para tanto, o espaço virtual aparece para o sujeito, como um território sem limites geográficos.

Dessa forma, por este estar inserido nas plataformas digitais, em que a “interação face a face” não existe, o discurso vem cada vez mais carregado de um tipo de violência silenciosa, que possui como uma de suas principais características a dificuldade em identifica-la devido a ausência de marcas físicas.

Com a facilidade de disseminação de um gigantesco número de conteúdo, o ator social se amolda nesse universo de infinitos usuários, se apropriando da rede e interage como representante legítimo dos discursos difundidos nesses ambientes.

³⁹ O Facebook, hoje, congrega mais de 103 milhões de acessos mensalmente por usuários brasileiros, e 92% o fazem através do smartphone. Relatório Digital Global 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 25 abril. 2018.

O corpo físico sofre o que a linguagem da violência produz em primeiro lugar porque o discurso e a linguagem da violência afetam a psique individual e em segundo lugar porque a violência que se processa dentro da mente pode se materializar no mundo corpóreo:

Esse comportamento linguístico humano é claramente inteligível quando, analogamente, o vemos ecoando o comportamento antieratrativo que grupos “mais fracos” de animais (pássaros, por exemplo) realizam, por exemplo, através do uso de chamadas de alarme adequadas e ameaças agressivas (MAGNANI 2009, p.54).

Dentro da perspectiva das bolhas de internet, o ensinamento de Magnani vai despertar a seguinte orientação: avisos de alerta (uma ideia) são emitidos dentro dos espaços virtuais, em que palavras são utilizadas como disparadores e nelas já vem inserido um discurso de violência simbólica. Assim, essas palavras são emitidas em uma velocidade imensurável e que não pode ser freada. Despertam no software alertas que vão mapear comportamento dos indivíduos em movimento de interação dentro das redes sociais.

A teoria desenvolvida por Magnani (2009) principalmente levando em consideração o que foi dito sobre a linguagem de alerta dentro de um texto. Portanto, metodologicamente falando a partir de características da linguagem contextualizadas em certos verbetes se originou o mapeamento das bolhas comportamentais, evidenciadas nesse estudo pelo simbolismo da violência embricado em algumas palavras chaves, por exemplo: “lixo”, “demonio”, “morto”.

Eli Pariser (2012, p.16), no livro *O filtro invisível*, discute essa ideia em que o critério de seleção das próprias informações pelo o usuário pode ser aparente, com podemos perceber em Pariser (2012):

Talvez pensemos ser os donos do nosso próprio destino, mas a personalização pode nos levar a uma espécie de determinismo informativo, no qual aquilo em que clicamos no passado determina o que veremos a seguir – uma história virtual que estamos fadados a repetir. E com isso ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infindável de nós mesmos. (PARISER, 2012, p.16)

Em seu trajeto investigativo, o autor, diante de várias pistas encontradas, percebe uma nova configuração das redes sociais em que a personalização moldaria os fluxos de informações. Grandes sites como Google, Facebook, Amazon, Yahoo e provedores como Apple e Microsoft rastreiam as preferências dos seus usuários. Eli Pariser (2012, p.17) alerta

para esse mecanismo, o qual chama de bolha dos filtros: formados por algoritmos que personalizam o resultado de acordo com a busca individual.

Ademais, o Facebook é um ambiente virtual que carrega traços de argumentação violenta. O fundamento empírico da presente dissertação buscou decifrar e compreender as formas de violência simbólica dentro das bolhas da internet, tal como elas se configuram nos espaços virtuais, em particular a rede social Facebook. Tomo este complexo de práticas como umas das expressões atuais do desenvolvimento individual e coletivo da sociedade moderna, ou seja, impactos uma de suas formas cristalizadas, e o focalizo em seu impacto sobre a estruturação das rotinas cotidianas engodos da sociedade moderna, tal como.

A violência simbólica nesses espaços também é exercida debaixo de um poder simbólico “o qual só pode ser exercido com a cumplicidades daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que a exercem. As relações existentes em grupos dominantes e dominados aparecem de forma “naturalizada” (Bourdieu 1989)

Magnani (2009) Não se pode ser meros expectadores da história da sociedade, é preciso, de forma urgente, intervir na construção do homem social, visto que o atual está aprisionado ao que chama de bolhas morais com pensamentos que são autoafirmativos (racionais, analíticos, reducionistas e lineares), é preciso parar e refletir em uma forma de pensar integrativa (intuitiva, sintética, holística e não linear).

Cabe refletir, quantas vezes podemos nos deixamos levar pela emoção do momento? Ou quantas vezes replicamos mensagens com teor violento e naturalizamos a cada informação como algo banal ou participe do nosso cotidiano? Mensagens que podem produzir a agressão, xingamentos, zombarias, e alcançar a forma de denegrimos pessoas nunca vistas antes. Muitas vezes realizamos comentários pelos estereótipos e julgamentos pré-estabelecido e seguimos produzindo, reproduzindo e repassando a informação para outras pessoas, que provavelmente, uma parcela dessas pessoas irão reproduzir e replicar de maneira automática e autônoma.

Os apontamentos de Magnani (2009) ressaltam que “a violência não está apenas nos interesses individualizadas de violência física, mas no que diz respeito à linguagem - e em muitos aspectos de nossos “nichos cognitivos” culturais, como por exemplo instituições e artefatos tecnológicos” (MAGANANI 2009, p.50). Como podemos observar, Magnani (2009) aponta, que existe um fio condutor entre violência e a moralidade. De tal maneira, que pouco a pouco esses discursos serão replicados e repassados rapidamente ao ponto de não ter com freá-los, e assim, carregam um atributo “violento” disfarçado de uma espécie de moralidade, sendo legitimado e aceito na sociedade.

Ao examinar os diferentes aspectos e práticas que são desdobradas através dos grupos e páginas das redes sociais, Boyd (2010), entende que esses sites possuem uma espécie de público, denominados de públicos em rede. Para ela, o público em rede é aquele que está reestruturados por tecnologias em rede. Já Fraser (1992) argumenta que os públicos não são apenas um local de discurso e opinião, mas arenas para a formação e representação de identidades sociais.

O *Facebook* está expressivamente preenchido por comentários violentos, pois é comum quando estamos acompanhando determinado assunto via *Facebook*, as pessoas se sentem mais livres para se expressar a partir do seus valores e crenças, manifestando elementos da cultura local, e até mesmo, costumamos encontrar verbalizações que são consideradas discriminatórias e até ilegais. Nesse sentido, é divulgado frequentemente pela mídia, diversos processos de pessoas que se sentiram prejudicadas por determinados comentários e que recorreram ao judiciário. Uma práxis que encontram lugar e repouso para ser alimentada e reproduzida com o uso dessa ferramenta social.

A invisibilidade da violência simbólica dentro dos comentários muitas vezes não é percebida como um comportamento violento, que pode gerar potencialmente outros tipos de violência. Mas é naturalizado no cotidiano da vida social. O autor social que reproduz o discurso ele não percebe que possuiu uma dimensão de violência simbólica na mesma proporção da ação materializada pelo agressor da violência letal.

Parafraseando o francês a realidade social é o somatório das relações de forças entre as classes historicamente em luta uma com a outra (BOURDIEU 1989). Não é improprio pensar que os sites em um paradigma de dominação instalado nos sites, a disseminação do ódio gratuito é uma das formas de violência simbólica em que se naturaliza em meio a inócuos debates de redes sociais. Ampliando o entendimento os comentários nas redes sociais podem ser compreendidos segundo a perspectiva de campo.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir” (BOURDIEU, 1989, p. 69).

Para um maior entendimento fenomenológico, primeiro passo para tal, seja buscar maior clareza quanto à compreensão da sociedade contemporânea. Para isso, faz jus, reflexões

mais aprofundadas à luz do pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, com intuito de nos situar em aspectos e dimensões da vida do homem pós-moderna.

O sociólogo Zygmunt Bauman⁴⁰, em *Modernidade Líquida*, nos possibilita reflexões acerca da sociedade contemporânea na pós-modernidade. Bauman (2003), traz a concepção de “modernidade líquida”, a que vivemos atualmente, como uma organização social caracterizada por sua liquidez, onde tudo é fluído, efêmero, flexível e volátil, sem vocação para a permanência, podendo dispensar a longa duração das relações sociais.

A sociologia deveria ser voltada para a vida como ela é, a vida real, não parte de conceitos prontos ou teorias fixas. Bauman busca importar-se com todos os aspectos da condição humana, para desvendar as verdades da realidade cotidiana nesse constructo social. Em uma sociedade líquida não temos escolhas livres, temos escolhas oferecidas, e a sensação de liberdade é ilusória. Neste sentido, para uma melhor compreensão do significado de “modernidade líquida”, é preciso percorrer os processos históricos da sociedade ocidental. A partir da segunda metade do século XX, temos os desdobramentos da modernidade, que são marcados por dois eventos: a revolução industrial e a revolução francesa. (BAUMAN, 2001).

Bauman (2001) discorre sobre a ausência de forma em que a sociedade líquida se organiza. Diferentemente da sociedade anterior, a qual ele atribui o nome de modernidade sólida, o que antes era sólido, previsível, e facilmente controlado, abre espaço para a volatilidade de relações fluidas, desreguladas e flexíveis. Assim, “as instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”” (BAUMAN, 2003, p. 02, grifo nosso).

Sobre os novos padrões sociais Bauman (2001) afirma que:

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e relação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de quebrar a forma de história da modernidade inerentemente

⁴⁰Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, iniciou seus estudos em filosofia e sociologia na Universidade de Varsóvia, mas foi afastado da universidade em 1968, por ter artigos e livros censurados. Por seguinte, mudou-se da Polônia, reconstruindo sua carreira no Canadá, no Estados Unidos e na Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde, em 1971, tornou-se professor titular de sociologia da Universidade de Leeds. Responsável por uma conspícua produção intelectual, auferiu prêmios Amalfi (em 1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto de sua obra). Morreu em janeiro de 2017, aos 91 anos, deixando uma vasta obra.

transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. Quanto aos indivíduos, porém – eles podem ser desculpados por ter deixado de notá-lo; passaram a ser confrontados por padrões e figurações que, ainda que novas e aperfeiçoadas, eram tão duras e indomáveis como sempre. (BAUMAN, 2001, p. 13)

As ideias elucidadas pelo autor são necessárias para o entendimento das profundas mudanças produzidas na condição humana, afetando seu modo de viver e enxergar essa vida moderna. A coletividade, embora afeta à idiossincrasia, perde espaço para ações cada vez mais individualizadas que de acordo autor referendado tem influência decisiva aos acontecimentos do cotidiano. A individualização chegou para ficar; toda a elaboração sobre os meios de enfrentar seu impacto sobre o modo como levamos nossas vidas deve partir do reconhecimento desse fato.

Bauman (2003), aponta que a forma de liberdade individual proposta dentro da modernidade sólida só era possível por meio das instituições que detêm o controle, e as regras e padrões deviam ser seguidas por todos. Nessa perspectiva, o paradigma da modernidade sólida interfere em algum aspecto na vida em sociedade, regulando culturalmente, e socialmente a vida das pessoas. Ainda, segundo o autor, a quebra desse paradigma dar-se-á quando o homem percebe que não é mais feliz, e a ideia de **segurança, estabilidade, durabilidade** perdem o seu efeito. Essas estruturas as quais Bauman chama de sólida, são substituídas, ou melhor, são derretidas ganhando um aspecto de líquida por não conservar sua forma por muito tempo.

Já na modernidade líquida, o indivíduo agora já emancipado rompe com as determinações, com as regras e com os padrões pré-estabelecidos. Nesse sentido, de acordo com Bauman (2001) a nossa civilização passa a buscar de forma desenfreada a liberdade, nunca se falou tanto a cerca dela, seja sexual, de expressão, política, de imprensa, ideológica, dentre outras, portanto, a liberdade é uma caça desgovernada do ser humano.

Para Bauman (2001) a liberdade pode ser compreendida como uma ruptura de algo que o prende ou cria uma certa resistência, impedindo de movimentar-se e agir. Libertar-se significa livrar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a sentir-se livre, para se mover ou agir.

Já sentir-se livre significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis. Agora, livres para fazer as escolhas, para agir de acordo com seus desejos e vontades, para buscar aquilo que manifeste satisfação. Com ações cada vez mais individualizadas e privatizados, esse é o sujeito da modernidade líquida. (BAUMAN, 2003)

Esse sujeito vive em um mundo cheios de oportunidades, onde a perspectiva do longo prazo não faz mais sentido – uma experiência mágica e fantasiosa. A incerteza é a única certeza que o indivíduo tem, já que os pensamentos não são mais densos e ordenados, mas sim leves e desordenados. “O que foi separado não pode ser colado novamente. Abandonai toda esperança, tanto futura como passada, vós que entrai no mundo da modernidade fluida” (BAUMAN, 2003, p. 29).

Contextualizando a respeito de “rede” Bauman⁴¹ (2003) descreve:

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2003, p. 12)

Bastante perspicaz em sua análise, Bauman (2011), traça uma reflexão sobre o ambiente das plataformas digitais, e a forma que as pessoas estão se relacionando dentro desses espaços. Sobre o Facebook, Bauman (2011) faz um relato que permite ampliar a nossa compreensão de como os relacionamentos da vida moderna estão sendo estabelecidos

Um viciado em Facebook se gabou para mim de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi de que eu vivi 86 anos e não tenho 500 amigos. Então, provavelmente, quando ele diz “amigo” e eu digo “amigo” nós não queremos dizer a mesma coisa. É um tipo diferente de amigo (...). Qual é a diferença entre rede e comunidade? A comunidade te precede. Você nasce em uma comunidade. Ao contrário da comunidade, a rede é mantida por duas atividades principais: uma é se conectar e a outra é se desconectar. E acho que a atratividade da amizade “tipo Facebook” é de que é tão fácil se desconectar [dos amigos] Em entrevista concedida em 2011 durante sua participação na conferência Fronteiras do Pensamento, no Brasil⁴²,

O autor sinaliza que relacionamentos são construídos e desfeitos muito rapidamente, em meio as duas ações/escolhas de possibilidades em fazer ou desfazer a amizade. O ato de conectar/e desconectar rapidamente é uma amostra da sociedade líquida. Essa facilidade em se desconectar, caracteriza um novo tipo de socialização, das construções dos laços. Agora, mais frágeis e efêmeros, a lógica de relacionamentos duradouros não existe mais, e as pessoas são descartadas e substituídas por outras muito facilmente.

⁴¹ Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, responsável por uma conspícua produção intelectual, utilizou o conceito de Modernidade Líquida para explicar com as relações sociais eram se processam na sociedade atual. Morreu em janeiro de 2017, aos 91 anos, deixando uma vasta obra.

⁴²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTEdNIarU>. Acesso em: 23 mar. 2018.

Bloquear e excluir são atividades comuns em sites de relacionamentos virtuais, mas essas atividades não são tão fáceis de colocá-las em prática no mundo off-line - fora da rede. Desfazer relações pressupõe encontrar a pessoa face a face, dizer as razões da quebra da relação, e em contrapartida, ouvir do outro suas queixas, isso significa um risco e um desconforto desnecessário. Assim, podemos dizer que a facilidade em fazer as “amizades” e sobre tudo desfazer essas “amizades” são atrativas em uma sociedade líquida onde os vínculos são fracos e voláteis, essencialmente.

Bauman (2011) ilustra dizendo:

Então, romper relações é sempre um evento muito traumático (...) É difícil, mas na internet é tão fácil, você só pressiona delete e pronto. Em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500... E isso mina os laços humanos” Em entrevista concedida em 2011 para uma equipe do Café Filosófico (TV Cultura)⁴³.

As ferramentas digitais descritas são um componente fundamental para perceber a nova dinâmica do processo de sociabilidade. Elucidando as ideias de Bauman, os sites de relacionamentos, Facebook, por exemplo, permitem que as pessoas construam os relacionamentos no nível de quantidade, e essa lógica da quantidade acaba suprimindo a ideia de qualidade. Não existe mais uma preocupação com a permanência dos relacionamentos, já que uma gama de ‘amigos’ mostra um potencial de relacionamento que o indivíduo pode estabelecer.

Ainda de acordo com o mesmo autor, é como se a ideia dessa construção de laços e vínculos familiares bastante profundos na modernidade sólida, não fizesse mais sentido. Estamos imersos em uma dialética de conexão e desconexão, em que as relações se tornam cada vez mais flexíveis, e a fragilidade humana é potencializada dando espaço para uma vida cheia de incertezas.

A incerteza está sendo transportada para os relacionamentos, nesse contexto com o advento das novas tecnologias de socialização, a ideia de laços e vínculos são derretidas e os relacionamentos sólidos, duradouros e permanentes são substituídos pelo ato de conectar e desconectar.

Bauman (2003) traz diversas reflexões sobre a sociedade líquida em que vivemos atualmente, uma organização social onde tudo é fluído, efêmero, sem disposição para a

⁴³Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/reflexoes/reflex17/reflex170109.php>. Acesso em: 23 mar. 2018.

permanência, tampouco para a longa duração das realidades e dos relacionamentos. Neste contexto, o autor descreve sobre o desengajamento dos seres humanos que não pertencem mais a um lugar, vivendo em uma comunidade global sem vínculos com a comunidade que lhes rodeia fisicamente. Isso gera graves prejuízos, além de tirar o poder decisório da maioria, ficando o mando dos nossos rumos para a elite global, detentora de um poder econômico que é extraterritorial e impõe seus anseios aos frágeis poderes políticos locais.

Uma das dificuldades para a vivência harmônica em sociedade atualmente é o tamanho das nossas comunidades. Bauman (2003) aponta que a forma de convivência proposta dentro da noção de comunidade, conseguida através do entendimento, só é possível em agrupamentos pequenos, já para as sociedades com grande número de integrantes, como a nossa, a convivência só será possível através do consenso, fruto de debates, desavenças e jogos de poder.

Além do mais, o autor aponta para a questão da dificuldade de convivência com "O outro", com o que é diferente a mim e aos pertencentes à minha comunidade, que acaba tornando-se uma ameaça, pois a diferença assusta. O pertencente a minha comunidade não é o outro, é uma extensão de mim; o outro é diferente, é o que pertence ao outro grupo, me assusta e compete comigo. Esse sentimento de competição, de ameaça, nos gera um medo constante que nos impele a fugir. Parece que nós estamos fugindo o tempo todo, se antes fugíamos para a cidade, hoje estamos fugindo da cidade (BAUMAN, 2003).

No Facebook podemos perceber que os usuários acabam divergindo em suas opiniões, criam um ambiente de disputa. Explicando sobre os fenômenos sociais na internet, Sustain (2010) relata sobre o comportamento dentro das plataformas virtuais: quando as pessoas se encontram em grupos que pensam de modo semelhante, ficam particularmente propensas a se mover para os extremos.

A compreensão é que quando pessoas que têm a mesma opinião se reúnem na internet, mais especificamente, em páginas ou grupos de redes sociais, elas tendem, a permanecer em uma espécie de bolha. Facilitados pelos próprios mecanismos de algoritmos usados pelos sites em suas ideias. Nas mídias sociais você encontra inúmeras pessoas que concordam com sua opinião. Os próprios mecanismos de sites de relacionamento facilitam que os usuários se aproximem como um campo magnético.

As pessoas são muitas vezes hesitantes sobre suas crenças, apenas porque elas não têm certeza, mas logo em seguida quando encontram nesse ambiente virtual pessoas que concordem com elas, se tornam automaticamente mais certos e menos duvidosos. Logo, o

medo de ser excluído paralisa o indivíduo, de tal forma, que ele passa a excluir aqueles que o ameaçam.

Bauman (2006) afirma que o medo é o nome que damos a nossa incerteza; nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.

Este sentimento está a senhorear-se do cerne da sociedade contemporânea, incorporando-se de forma latente dentro do ser humano, tornando-se o mediador da existência de muitos sujeitos, acarretando severas consequências. O medo assemelha-se a um nevoeiro denso e pesado que paira sobre a cabeça da humanidade.

Dentro do universo das redes sociais não é diferente, o medo norteia o comportamento do indivíduo nas plataformas digitais. A epidemia do medo é o mal do século XXI, “valoriza incomparavelmente mais o pânico moral e os cenários apocalípticos que a abordagem equilibrada, a ironia leve ou a modéstia” (BAUMAN 2001, p. 115).

Sites como *Facebook* são uma ferramenta que promete suprir a vontade humana de não estar só. Basta um click, em qualquer horário, em qualquer dia da semana, e há sempre alguém disponível para fazer companhia, aparentemente, eliminando o medo da solidão.

Para Bauman (2001), o processo de apresentação do indivíduo se mostra:

A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi uma peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de individualização, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada sociedade” (BAUMAN, 2001 p 39).

A partir das leituras de Bauman (2001), é possível tratar as modificações axiológicas da sociedade moderna, afirmando que as relações entre os indivíduos na sociedade tendem a ser menos frequentes e menos duradouras. “O modo como os seres humanos entendem o mundo tende a ser sempre praxeomórfico: é sempre determinado pelo *know-how* do dia, pelo que as pessoas podem fazer e pelo modo como usualmente o fazem” (BAUMAN, 2001 p. 68).

Nesse contexto, é importante lembrar que a concepção do fenômeno tempo e espaço assumem uma valoração na compreensão visceral das mudanças da realidade que permeiam a sociedade contemporânea. A partir do entendimento desses dois conceitos, o autor, caracteriza a modernidade por seu estado fluido. Neste seguimento apresenta que:

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa” (BAUMAN, 2001 p.8).

Em contrapartida, a interferência da internet nas relações humanas, provocou a emergência dessa nova forma de construção social, em que os mais diversos atores se relacionam, num misto, digladiador entre o indivíduo e a coletividade, onde a última dentro dos espaços domina.

Para compreender os fenômenos sociais, Pierre Bourdieu (1987), nas suas investigações, constata importante averiguar os mecanismos de dominação, na manutenção da ordem social.

Publicar, compartilhar e atualizar suas redes sociais são forma de luta pelo reconhecimento. Assim, é desencadeado uma conduta pela autoafirmação, “e o que vemos são pessoas tentando excluir outras pessoas para evitar serem excluídas (BAUMAN, 2006, p. 30).

Em qualquer processo investigativo, é preciso de ferramentas teóricas, e Pierre Bourdieu (1987) afirma que “o sentido das ações mais pessoais e mais “transparentes” não pertencem ao sujeito que realiza, mas ao sistema completo de relações as quais nas quais e pelas quais elas se realizam” (BOURDIEU, 1968, p.32).

Dessa forma, compreendemos que os atores sociais costumam agir a partir de condutas pré-estabelecidas pelas estruturas sociais, mesmo quando essas se executam no espaço virtual. Por exemplo, na página do RN notícias que tem com o tema uma de suas notícias, adolescente vítima de estupro na cidade de Mossoró, procura imprensa. Podemos perceber que a maioria dos verbetes expressados nos comentários pelos seus usuários, legitimam o discurso da violência, mesmo diante de legislações e mecanismos institucionais que protegem a mulher.

De acordo com Thompson e Vogelstein (2018), criticam o Facebook por preconizar uma filosofia mercadológica favorecendo as empresas independente da utilidade social da notícia, mas premiando-as pela maior quantidade de curtidas obtidas, desencadeando a produção de informações, em detrimento da veracidade. Dessa forma, disseminando a divisão de grupos dentro do tecido social.

Para tanto, a noção de *habitus* conferida por Bourdieu (1930) serve ampliar o entendimento sobre violência simbólica. O autor conceituou o *habitus*, como sendo, o conectivo entre indivíduo à sociedade e é formado pelas condições de existência do mesmo,

influenciando em suas formas de agir, compreender e sentir o mundo. É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção.

Nesse panorama, o ator social desenvolve um comportamento de forma inconsciente, mesmo que este seja voluntário. A sua percepção de realidade é reduzida aos símbolos que o rodeiam e não a totalidade da complexa realidade, gerando a formação de pequenos grupos polarizados. Nesse sentido afirma o autor Sunstein (2010, p.31) “[...]uma justificativa que a polarização revela crença e desejos escondidos[...]”.

Ampliando o pensamento do mesmo autor (2010) determinadas pessoas começam a agir um disseminador em potencial das suas crenças, sua compreensão de mundo, influenciando outras pessoas, que acabam sendo induzidas em suas opiniões, sem a viabilidade de reflexões críticas.

São produtos simbólicos que funcionam como instrumentos de dominação e legitimação de poder, cultura, valores e etc. Para Bourdieu (1930):

As “escolhas” do habitus são perpetradas sem consciência ou coerção, em virtude das disposições que, embora sejam inquestionavelmente frutos dos determinismos sociais, são também constituídos fora da esfera do consciente e da coerção. A propensão a reduzir a busca de causas por uma busca de responsabilidades torna impossível perceber que a intimidação, uma violência simbólica que não está ciente do que ela é, só possa ser exercida sobre uma pessoa predisposta (em seu habitus) a senti-la, enquanto outras vão ignorá-las (BOURDIEU, 1930, p.191)

Olhar para redes sociais é ver um fenômeno que aguça a curiosidade e impulsiona a busca por respostas e compreensão. As questões de redes sociais e a violência simbólica podem ser percebidas como as novas formas de violência dentro da internet, nas redes sociais.

Vejam como pode ser entendida a violência simbólica a partir de um ambiente virtual que tem se apropriado dos signos da linguagem para difundir discursos, contribuindo para intensificação e fortalecimento das bolhas morais.

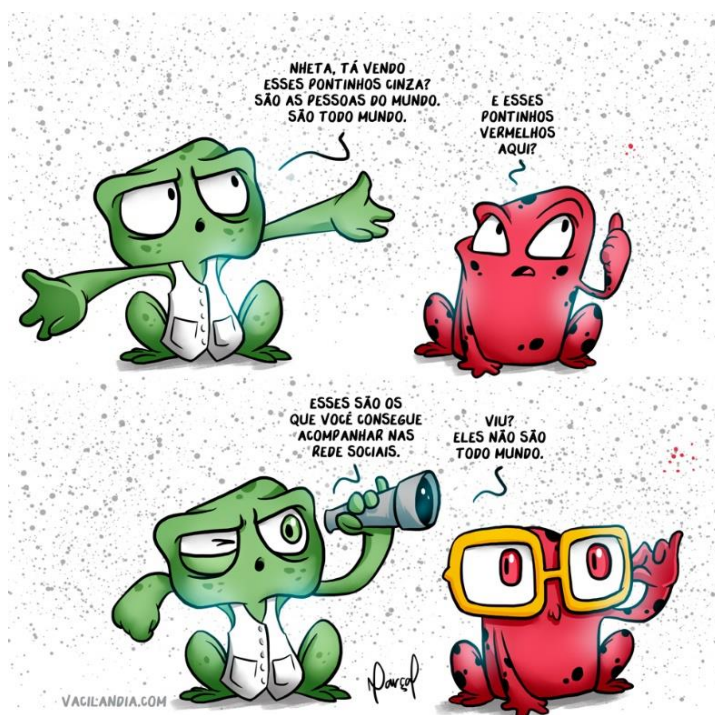
Diante dessas concepções, compreendemos que a Violência simbólica esta intrinsecamente articulada à linguagem, entretanto, embora essa seja um elemento fundamental, a violência simbólica se expressa de forma multifacetada, pois é reproduzida nas Instituições e naturaliza pelos atores sociais. Acrescentamos ainda, a ótica da dominação, onde uma classe se subordina a outra. “sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Fortalecendo o pensamento do autor acima, apresentamos a convergência das ideias entre os autores:

[...] não esqueçamos que a violência possui uma fecundidade própria; ela se engendra a si mesma. É preciso então, sempre analisá-la em rede, em entrelaçamentos. Suas formas de aparências mais atrozes e às vezes mais condenáveis, frequentemente ocultam outras situações de violência menos escandalosas, por encontrar-se prolongadas no tempo e protegidas pelas ideologias ou pelas instituições de aparência respeitável[...] (DOMENACH, 1981, p.36-37)

Diante das discussões apresentadas sobre violência simbólica e a importância da linguagem para compreender como essa violência se expressa nas estruturas sociais, perpassando as redes sociais, principalmente o *facebook*, nosso objeto de estudo, iremos contextualizar a questão da linguagem e como ela contribui para o processo de formação das chamadas “bolhas”⁴⁴ na internet”.

⁴⁴ Termo cunhado por Eli Pariser para explicar o sistema de filtros que a internet usa. PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Zahar, 2012.



3. “PRAGMATISMO POLÍTICO”, UMA BOLHA QUE SE INSUFLA NA CONJUNTURA SOCIAL

Na rede social Facebook, por exemplo, o que os usuários veem em seu mural é o resultado do que é definido ser de seu interesse e provoque uma maior interação dentro da bolha invisível. Esses mecanismos constroem suposições das preferências do usuário, personalizando as informações que segundo Pariser, é o seu “universo pessoal” (PARISER, 2012, p.14).

Os filtros, de acordo com Pariser (2012, p.14), funcionam da seguinte maneira: os algoritmos fazem uma espécie de seleção de conteúdo com base em comportamentos anteriores do usuário. Quando o espectador faz uma busca nas plataformas digitais, ele está sendo vigiado pelo sistema de algoritmos, que coletam e armazenam as informações em um banco de dados, e em seguida os sites oferece-lhes um conteúdo personalizado, descartando informações que não teriam interesse.

A personalização descrita por Pariser (2012, p.48), atinge a maneira de percepção em relação ao mundo, e ela impede tudo aquilo que desafie o modo de pensar. Pariser (2012) destaca que:

Quando esse modo de pensar é aplicado ao comportamento humano, pode ser perigoso, pela simples razão de que os nossos melhores momentos muitas vezes são os mais imprevisíveis. Uma vida inteiramente previsível não merece ser vivida. Mas a indução logarítmica pode levar a uma espécie de determinismo informático, no qual os nossos cliques passados decidem inteiramente o nosso futuro. Em outras palavras, se não apagarmos nossos históricos on-line, talvez estejamos fadados a repeti-los. (PARISER, 2012, p.93)

De acordo com essas leituras o filtro algoritmo são tão poderosos que manipulam os murais, e as escolhas das pessoas na rede estão dependendo de uma programação computacional, mantendo usuários inseridos em uma bolha invisível e fortalecendo uma espécie de previsibilidade das relações humanas.

Para discutir sobre esse assunto, é interessante apresentar um estudo realizado pela Universidade de Michigan (EUA) e divulgado na revista Science, intitulado “Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook” (Exposição a notícias e opiniões ideologicamente diversas no Facebook - Bakshy, E.; Messing, S. & Adamic, L. A., 2015), que mostrou como o usuário nas plataformas digitais interage com os algoritmos. Foram

observados o comportamento de 10,1 milhões de usuários, e as influências recebidas em links de noticiários de política no Facebook.

No estudo de Bakshy, E.; Messing, S. & Adamic, de todos os links vistos por partidos políticos, progressistas e conservadores, foi observado que 22% dos progressistas desafiaram sua forma de pensar, e 33% dos conservadores buscavam notícias que não correspondiam com sua maneira de pensar.

Logo, os algoritmos ajudam a agrupar as pessoas e selecionar conteúdo no mural dos usuários, favorecendo ao embolhamento ou formação de bolhas que denominam-se de bolhas de internet. Mas ao mesmo tempo são os próprios usuários que são responsáveis em se fechar em suas próprias caixas de ideias. Se os usuários não dependessem da intervenção dos algoritmos os progressistas teriam visto 24% de notícias que não consideraram interessante e, os conservadores, 35%. (Exposição a notícias e opiniões ideologicamente diversas no Facebook - Bakshy, E.; Messing, S. & Adamic, L. A., 2015)

Evidentemente, fora dessa realidade virtual, as relações interpessoais não são construídas de maneira aleatória, ou manipuladas por fórmulas de algoritmos. Por isso, é bem verdade que é mais fácil enxergar e avaliar o comportamento que acontece dentro das redes sociais do que aquele que ocorre na rua. Assim, o estudo aponta que são os próprios usuários que fazem suas escolhas, mais do que a própria programação do Facebook, dessa forma podemos dizer que as escolhas que fazemos no “mundo real” podem ser alcançadas dentro da “realidade virtual”.

O estudo realizado pela Universidade de Michigan (EUA), chega a seguinte conclusão: apesar de vivermos na era dos sistemas de algoritmos, em que fórmulas cada vez mais complexas selecionam o que interessa e satisfaz o usuário, é possível afirmar que as instruções fornecidas pelos sistemas, por mais complexos que eles sejam, não são agentes exclusivos de manipulação nos murais dos usuários e sua força não é maior que os próprios usuários em suas escolhas de informações. Mostrando que o usuário são agentes ativos no acesso às informações.

Agora, entender quais as razões que levam as pessoas se embolharem, demanda uma discussão que será preciso olhar para a ciência e percorrer os campos da lógica e da cognição, para encontrar pistas que levem até as respostas.

As investigações realizadas no domínio da cognição humana têm implicações importantes para compreensão das redes de comunicação em sistemas virtuais, e o desenrolar dos processos cognitivos.

O lógico John Woods⁴⁵ contribui com estudos dentre os quais o “Epistemic Bubbles”, em que buscou investigar a dissociação entre o conhecimento que o agente efetivamente possui e o que ele considera ter, denominando de bolha epistêmica.

No entanto, para trazer entendimento a bolha epistêmica, recorre-se a perspectiva elaborada por Peirce⁴⁶ (1877), que afirma que “O objetivo do raciocínio é descobrir, da consideração do que já sabemos, algo mais que não conhecemos” (CP 5.365). Para Peirce (1877), consequentemente teremos:

[...]o raciocínio é bom se for de forma a dar uma verdadeira conclusão de premissas verdadeiras, e não de outra forma. Assim, a questão de sua validade é puramente de fato e não de pensamento. A ser as premissas e B a conclusão, a questão é, se estes fatos são realmente tão relacionados que se A é B é. Em caso afirmativo, a inferência é válida; se não, não. Não é, no mínimo, a questão de saber se, quando as premissas são aceitas pela mente, sentimos um impulso para aceitar a conclusão também. (PEIRCE, CP 5. 365)

Em outras palavras, Pierce (1877), desenvolveu uma ideia bastante interessante onde argumenta que os seres humanos naturalmente desejam um estado de crença em oposição a incredulidade. (CP 5. 371) No caso, todo indivíduo apresenta um alvo cognitivo, e somente a crença é capaz de satisfazê-lo. (CP 5.372). O autor, no artigo “A fixação da crença”, de 1877, defende que a produção da crença tem como objetivo de apaziguar a cognição irritada. E essa irritação, que é apontada por Peirce (1877) como um fator emocional indispensável no processo de formação de crenças, dar-se-á sempre que precisamos saber-descobrir, a partir da consideração daquilo que já conhecemos, alguma outra coisa que desconhecemos. (CP 5.372).

A proposta de Peirce (CP 5.374), tem como ponto de partida à irritação cognitiva decorrente da dúvida, que ativa a ação do pensamento, sendo essa uma atividade inferencial, que nos leva a levantar hipóteses. “A ação do pensamento é animada pelo início da dúvida e

⁴⁵ John Woods, canadense (nascido em 1937), é um estudioso no campo da lógica e da filosofia. Woods, atualmente é Diretor do The Abductive Systems Group na Universidade da Colúmbia Britânica (UBC). Sua pesquisa resultou o conceito de bolha epistêmica descrita em, (WOODS, John. Epistemic Bubbles. In: **We Will Show Them!** 2005. p. 731-774), e ajuda a entender a interação entre conhecimento e crença.

⁴⁶ Charles S. Peirce filósofo do século XIX, apresentou significativas contribuições à lógica, matemática, filosofia, e à semiótica. Para maior conhecimento da obra de Pierce. Disponível em: <http://www.peirce.org/>. Acesso 10 nov. 2017

cessa quando a conquista é alcançada; de modo que a produção de crença é a única função de pensamentos”. (CP 5.375)

Para Peirce (1877), “as nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações” (CP 5.371). A crença estabelece sobre nós um sentimento de segurança, e satisfaz a cognição, já a dúvida “é um estado de desconforto e insatisfação do qual lutamos para nos libertar e passar ao estado da crença”. (CP 5.374)

Para a crença ser estabelecida a partir da irritação que foi iniciada, dentro desse processo existe um estágio que Peirce diz ser “luta”. Essa “luta” o autor chama de inquirição “que tem com objetivo o estabelecimento de uma opinião. (CP 5.375)

A abordagem lógica desenvolvida por Woods e Gabbay, utiliza de agentes cognitivos, que assumem qualquer tipo de crenças para atingir seu alvo cognitivo. Magnani (2011, p.74) conclui que “a crença e o conhecimento não compartilham o mesmo status epistêmico”, para o autor a crença cognitivamente gasta menos recursos do que o conhecimento, já que a mesma simula o “conhecimento” e oculta o erro.

Segundo Peirce (CP 5.377), o conhecimento não se faz necessário para apaziguar a irritação cognitiva, assim ele descreveu sobre quatro formas das crenças a serem fixadas: Método da Tenacidade, o de Autoridade, A priori e o Científico.

O Método da Tenacidade é aquele que não favorece o questionamento, e a racionalidade, qualquer resposta se torna válida. Em tempos de redes sociais, esse método encontra-se evidente nas páginas de facebook, em que o “homem que adota esse método não permite que seus inconvenientes sejam maiores que suas vantagens” (2008, p.48), se prendem as suas crenças e ideias, impedindo de ser racional. Procura manter posições já estabelecidas, afastando qualquer dúvida que possa provocar/alterar uma mudança de crença.(CP 5.378).

Podemos dizer em outras palavras, que as pessoas que são tenaz formaram em suas mentes as crenças e não querem mudá-las, apresentam uma resistência a rupturas, e não aceita ser confundido em suas crenças.

O Método da Autoridade é aquele que é utilizados na sociedade para impor regras de maneira autoritária, com o objetivo de se manter no poder. Esse tipo de método apesar de apresentar uma superioridade mental e moral em relação ao método da tenacidade, ele também não tem espaço para questionamentos, sendo bastante dogmático. É evidente em espaços de debates políticos e religiosos em redes como o Facebook, esse método de fixação de crença.

O método do “a-priori” é aquele que considera se as proposições estão de acordo com a razão, estabelecendo assim respostas tendenciosas, de acordo com o gosto de cada um.

Finalmente, o Método Científico, é descrito por Peirce como aquele que pode nos levar à verdade, pondo fim a dúvida e levando a um estado de “segurança” da crença. Para explicar esse método, Peirce (1877), levantou “sua hipótese fundamenal, reformulada em uma linguagem mais familiar” que a realidade existente em qualquer coisas, são independentes, e não há interferência humana. A opinião não altera a natureza da realidade apresentada, e sim, somos afetados pela verdade que está inscrita no objeto analisado, e por mais que sejamos levados a diferentes sensações, a premissa que é validada será a verdadeira, e qualquer homem que for levado a arte de raciocinar, terá que chegar a conclusão verdadeira. Faz sentido, dizer que a crença por apresentar em caratér transitório, já que para Peirce (1877), a verdade se estabelece no final do processo investigativo.

De tal modo, que Peirce (1877) conclui, que nesses três métodos (da tenacidade, da autoridade e do a-priori), percebe-se que o indivíduo não é desafiado, estando predisposto a ser embolhado, no processo de formação das Bolhas Morais. Isso acontece devido a esses métodos promoverem uma satisfação, ao acalmar a irritação da dúvida e afastando tudo que venha o perturbar e provocar um estado indeciso na mente humana.

O ponto de vista apresentado por Peirce permitiu uma abordagem exposta na Tese Cognitive Bubble, sugerida por Woods (2005, p.740), serve para explicar a interação entre os agentes cognitivos, surgindo o conceito de “bolha epistêmica”. Segundo o que declara Woods,

A cognitive agent X occupies an epistemic bubble precisely when he is unable to command the distinction between his thinking that he knows P and his knowing (...) When in an epistemic bubble, cognitive agents always resolve the tension between their thinking that they know P and their knowing P in favour of knowing that P. (Woods, 2005, p. 740).

Defendida como sendo um estado cognitivo inescapável da racionalidade humana o agente da “bolha epistêmica” não consegue distinguir o que conhece de P” e o que “acredita que se conhece de P”. Assim, quando um agente está em uma bolha epistêmica ele acredita saber mais do que realmente se sabe.

No artigo “Cognitive Bubbles and Firewalls: Epistemic Immunizations in Human Reasoning, de 2011, o autor Magnani, amplia esse conceito e afirma que a bolha epistêmica não se limita unicamente aos agentes individuais e isolados, mas as suas investigações aparecem nas interações sociais.

Magnani (2011), em "Cognitive bubbles and firewalls: Epistemic immunizations in human reasoning" expande a ideia de Bolha Epistêmica para Bolha Moral. Para entender o conceito de bolha moral, contextualizaremos a definição dentro Facebook como exemplo, por ser um ambiente que carrega traços de argumentação violenta.

Para a teoria de Magnani (2011), pode-se afirmar que a utilização de argumentos violentos nas redes sociais, não é uma defesa do conteúdo das crenças questionadas, mas um método tenaz, de autoridade e costumes para trazer uma tranquilidade cognitiva. Nessa perspectiva conclui-se que a violência e moral estão interligadas.

Segundo Magnani (2009) dentro da bolha da internet, os atores sociais criam uma espécie de modelo de comportamento moral. Agem moralmente e assim realizam ação que são percebidas pelo emissor da mensagem e seus receptores dentro de uma determinada bolha X como um comportamento moral que devem ser reproduzido pelos outros atores sociais.

A bolha moral é desenhada nas redes sociais, e essa violência é desencadeada devido a auto imunização que o agente carrega dentro da bolha a qual está inserido, levando suas crenças como verdade absolutas. Dessa forma, as influências que as redes sociais operam sobre seus usuários, os constituem dentro de uma bolha em relação a um determinado conhecimento, estando presos em uma espécie de "embolhamento" em que o discurso agressivo e violento é consequência da falta de consciência carregado de um aspecto enganoso.

4. A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA POR MEIO DO DISCURSO NA PÁGINA PRAGMATISMO POLÍTICO

A violência simbólica muitas vezes invisível nos comentários, são produzidas e reproduzidas, percebe que atrás dos comentários existe uma representação social carregada de valores simbólicos. É importante destacar que a análise das postagens selecionadas da página Pragmatismo Político foi aquela que tivessem o maior número de reações, além da reação curtir, temos os botões: "amei", "haha", "uau", "triste" e "nevorso"/ comentários/ compartilhamentos, ou seja, os que tivessem significativas reações em menos de 24 horas caracterizando uma boa visibilidade e popularidade da página.

O modo de agir e pensar se encontram na dinâmica do mundo moderno, em que a volatilidade e superficialidade de valores “O tempo instantâneo e sem a substância do mundo do software é um tempo sem consequências. A “instantaneidade” nada mais é do que uma realização imediata”. (BAUMAN, 2001 p. 137)

Dentro da mesma discursão, Berger; Luckmann (2013) retrata a vida cotidiana não só “como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo. afirmado como real por eles”. (BERGER; LUCKMANN 2013, p. 36)

Ainda:

“A realidade da vida cotidiana além disso apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência. Estou sozinho no mundo de meus sonhos, mas sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para mim mesmo”. (BERGER; LUCKMANN 2013, p. 40)

Dentro da mesma ótica, Berger; Luckmann (2013) afirma que o “senso comum contém inúmeras interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana, que admitem como certas” (BERGER; LUCKMANN 2013, p.37). Conforme Berger; Luckmann (2013), em sua obra intitulada “A Construção Social da Realidade”, o apogeu da

realidade se encontra na vida cotidiana. Esta se apresenta “como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” (BERGER; LUCKMANN 2013, p.35).

Na perspectiva do autor Serge Moscovici (1978) a compreensão em relação a presença social da representação, pois, esta por sua vez, passa a ter um conjunto de valores que estabelecem categorias adquirindo um caráter simbólico e acabam por remeter diretamente a uma realidade, ou seja, o homem constrói representações para ser remeter a realidade. “O indivíduo é observado e compreendido através de traços próprios da tipologia dominante, exercendo-se por vezes uma pressão coletiva para fazer coincidir o comportamento real com as categorias geralmente admitidas. ” (MOSCOVICI, 2007, p.48).

Moscovici (2007) trabalhava com uma perspectiva ampla partindo de uma proposta de compreender a coletividade, sem perder de vista as particularidades e subjetividades de cada indivíduo. Sendo assim, cabe questionar, como analisar o pensamento individual particularmente sem perder o caráter de coletividade? Para tanto, o autor interpreta que o agente social pensa são ideias e estas são compartilhadas formando assim as representações sociais. Essas representações são formadas pela informação do campo cognitivo e posteriormente a atitude.

Segundo Moscovici (2007) a informação é aquilo que organiza o conhecimento. E o campo cognitivo é a capacidade de gerar imagem com estoque de conhecimentos que eu tenho acerca do objeto que está sendo informado naquele momento. A atitude é posicionamento frente ao objeto que está sendo informado então inicia-se o processo da criação, da representação social que a pessoa absorverá acerca daquele objeto. Temos como exemplo que determinadas informações, são monopolizadas pela mídia. Ela organiza o conhecimento de maneira tendenciosa, e os sujeitos tem a capacidade de criar imagem no seu campo cognitivo, ou seja, criam a imagem acerca do objeto que está sendo informado. Então a pessoa construirá um posicionamento acerca do objeto que está sendo informado a partir de uma representação social. Configura-se dessa forma a teoria das representações sociais que nada mais é, do que a teoria do pensamento social que é compartilhado entre o grupo. Ademais, “uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (MOSCOVICI, 2007, p. 27). Ou ainda, “uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. (MOSCOVICI, 2007, p. 207)”

Desse modo, as Representações Sociais possibilitam explicar e situar os atores sociais na sociedade, além de fazer com que esses sujeitos encontrem uma identidade, tornando base para suas referências que determinam quais práticas são aceitáveis no contexto social, para esse indivíduo.

Segundo Moscovici (2007) são as representações sociais que podem colaborar para que a discriminação, estereótipos ganhem força e acabem disseminando esse tipo de construções simbólicas culturais, em que o indivíduo participa de maneira ativa e consciente:

Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias” espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o “alimento para o pensamento”. (MOSCOVICI, S. 2007, p.45)

Para tanto, com o intuito de alcançarmos responder ao fenômeno problematizado nesta pesquisa é importante adentrar na temática das representações sociais que tem como autor principal, Serge Moscovici (1978). O mesmo compreende que o comportamento do homem na sociedade é orientado pelo seu conhecimento do senso comum, conjunto de ideias, explicações e coerência que são resultados da sua interação social.

Segundo Bourdieu:

[...] É através da ilusão de liberdade em relação às determinações sociais que se dá a liberdade de se exercerem as determinações sociais. [...] Paradoxalmente, a sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade, ou, mais exatamente, da crença mal colocada nas liberdades ilusórias. A liberdade não é um dado, mas uma conquista, e coletiva (BOURDIEU, 1990, p. 28).

Dessa forma, trará uma melhor coesão à pesquisa e aos questionamentos dos autores Magnani quando concatena com o pensamento de Žižek, nos advertindo da frieza da mídia a conteúdo violento, a torna partícipe do ato atroz, “avassaladora horror de atos violentos [...] inexoravelmente funciona como uma isca que nos impede de pensar” (MAGNANI, 2011 p. 3).

(...) o único modo de os homens construirem e expressarem sua existência, seu entendimento do mundo, da natureza, da história, e da sociedade é apropriando-se

da linguagem para expressarem seus discursos, os homens são também prisioneiros da linguagem (MANHÃES, 2008, 306)

Sem dúvidas, os espaços de redes sociais é propício para que muitas representações sociais encontrem guarida, de maneira imperceptível, elas são legitimadas nas ações curtir, compartilhar e comentar, e muitas vezes são construídas em meio a um discurso de uma violência invisível, os impactos são estendidos para todos os aspectos da vida em sociedade. E é através do processo de ancoragem e objetivação que as representações sociais se estruturam e ganham existência no dia a dia dos atores sociais.

4.1. Símbolos, signos e discursos violentos: representações que reproduzem a violência

Retomando os esclarecimentos sobre a página Pragmatismo Político, destacamos que é uma empresa de comunicação e notícias, inserida em várias redes sociais, uma página no *Facebook* foi criada em 06 de maio de 2011⁴⁷, sobre a descrição do perfil é dito: “somente a cidadania plena conduz à democracia. Não há outra forma de ser cidadão que não seja através da educação ideológica e política.”⁴⁸.

As postagens têm majoritariamente um viés para notícias que integram a esfera política - social, apresentam uma independência ou autonomia editorial, abrange leitores com maior capital cultural, perfazendo uma média de cinco a dez postagens diariamente, dessa forma, faz com que esse campo de atuação dos atores sociais fomente um grande número de debates e reflexões, e assim, estimule o senso crítico. O site foi criado em setembro de 2009 por Luis Ricardo Soares Cavalcanti, fundador e editor chefe. O site de notícia e análises passou a ocupar outros veículos de comunicação com o perfil Pragmatismo Político (PP), entre eles o Twitter⁴⁹ com 48,9 mil seguidores, o Instagram⁵⁰ com 107 mil seguidores, o

⁴⁷ Na transparência da página criada pelo Facebook mostra a data que foi criada.

⁴⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/PragmatismoPolitico/about/?ref=page_internal. Acesso em 15 maio. 2019.

⁴⁹ Disponível em: https://twitter.com/Pragmatismo_?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 15 maio. 2019.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/pragmatismopolitico/?hl=pt-br>. Acesso em: 15 maio. 2019.

Youtube⁵¹ com 152 inscritos, a página do PP do *facebook* tem 1. 092 378⁵² de contas de usuários seguindo a *fanpage*. O termo da página “pragmatismo” derivam de outras palavras do português como prático, praticidade e pragmatismo, ou seja, o nome em si, já passa ao usuário o valor prático da informação política que o site trabalha. Sobre a *fanpage* no *Facebook*, outras páginas que o Pragmatismo Político gosta são: Lula, Carta Capital, Agência Pública, Brasil de Fato, Revista Caros Amigos, Le Monde Diplomatique Brasil e Opera Mundi. Essas páginas estão dentro da esfera política ou notícia.



Figura 1. Perfil da página Pragmatismo Político no Facebook.

Fonte: Facebook/Pragmatismo Político.

A figura 01 apresenta o perfil da página, em que internauta visualiza a proposta das publicações que a *fanpage* pode conter. No *Layout* inicial à página aparece para os visitantes se observado de uma leitura de cima para baixo e da esquerda para direita, a imagem que simboliza o nome da *fanpage* em tons preto e vermelho seguidos das letras “PP”, abreviando o termo Pragmatismo Político. A imagem faz alusão ao instrumento público que é o Palácio Nereu Ramos, popularmente conhecido como Palácio do Congresso Nacional em Brasília. Em seguida na foto de capa são mostradas imagens de pessoas que simbolizam uma representatividade militante política em âmbito nacional ou internacional. Um caso

⁵¹ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCUeJFeGv_6l2wFw877xdUmw. Acesso em: 15 de maio. 2019.

⁵² Disponível em: https://www.facebook.com/pg/PragmatismoPolitico/about/?ref=page_internal. Acesso em 15 maio. 2019.

interessante a ser citado é do ator José de Abreu que realizou um ato expressando uma crítica: tomando como exemplo a um ocorrido político na Venezuela, em que Juan Guaidó que se autoproclamou presidência do país, assim, em fevereiro de 2019 o ator também se declarou presidente do Brasil por meio de uma rede social, em caráter de humor crítico. Diante dessa atitude vários veículos de comunicação noticiou o fato⁵³.

Na parte esquerda inferior estão algumas redes sociais como Twitter e Instagram às quais são integradas à página do *Facebook*, e o usuário consegue acessar simultaneamente todas as redes disponíveis nos *links*, essa interação fortalece a formação da bolha e a sua reprodução a medida que os usuários vão se engajando.

Abaixo da foto de capa da página se encontra o espaço que o internauta pode criar uma publicação marcando amigos simultaneamente e disponibilizar o local em que se encontra. Já mais na direita tem algumas informações da comunidade em que o usuário pode sugerir a página para os seus amigos do *Facebook* por meio do link convidar os teus amigos. Ao acessar é possível visualizar o número de internautas que gostam da página e abaixo o número de pessoas que a seguem, assim como o número de amigos em comum.

Compreendemos que por possuir um número bastante expressivo de usuários que seguem a página PP, que se manifestam através das ferramentas “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, fomentando a reprodução das publicações e proporcionando a ascensão da página e levando seu alcance a demais públicos de forma instantânea, pode representar umas das formas de aquisição do capital social do usuário.

O capital social é destacado por Bourdieu (1989) com algo intangível e no *Facebook*, quanto maior o número de seguidores o usuário tiver, mas representatividade e influência ele pode exercer, ou seja, podemos interpretar essa questão como a aquisição de social. E na página analisada, Pragmatismo Político constata-se que esta possui uma representação de capital social elevado, pois possui mais de 1 milhão de seguidores, nessa proporção, se tomarmos enquanto suposição que cada usuário pode possuir até cinco mil outros amigos, ou seja, o acesso as essas postagens aumentará numa dimensão multiplicada, e proporcionará novas formas de conexões sociais, que podem provocar além da produção de maneira coletiva, formas individualizadas de valor social. Vejamos a postagem a seguir

⁵³ Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/02/26/interna_politica,739811/jose-de-abreu-se-autoproclama-presidente-do-brasil-em-critica-a-guaido.shtml. Acesso em: 15 maio. 2019.



Figura 2. Postagem 1 a ser analisada: “A blogueira que celebrou a morte de uma criança de 7 anos.”

Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura 2, a manchete bastante sugestiva construída em cima de verbetes como “blogueira”, “comemora”, “morte”, “prints mais cruéis”, apresenta um jogo de signos que servem como gatilho e atrai o click dos usuários e desperta um faroeste de opiniões dentro das redes. Com apenas 24 horas de sua postagem a publicação apresentam números intrigantes. São 19 mil cliques e entre as reações utilizas estão a curtir, ‘triste’ e “nervoso”, dessa forma os usuários refletem suas emoções por meio dos botões de reações. Notamos que o post obteve 4,2 mil comentários e 25.386 mil compartilhamentos. Um dos eixos centrais desse discurso, portanto, é examinar e discutir essa enxurrada de ataques violentos e

representações da violência simbólica por meio de narrativas que tem desafiado a sociedade contemporânea e poder contribuir como estudiosa sobre o tema.

O blogueiro é aquela pessoa exerce algum tipo influência sobre determinado grupo, principalmente pelo poder de alcance que ele tem dentro das suas redes pessoais, já que são seguidos por um número expressivo de usuários. O crescimento dessa classe de “blogueiros” e a ascensão repentina dessas pessoas por meio da prática de convencimento não é considerada por muitos, principalmente do meio midiático como uma profissão, e por isso, muito constrói preconceito e estigmatizando a esse grupo. A grande maioria dos comentários da publicação da figura 2, entretanto, pedia por nada menos do que o emprego de violência física: “essa vagabunda merece a morte”, ficando nítido que o discurso da blogueira Alessandra foi desaprovada por meio de agressões morais de e sujeitos de grupos do poder simbólico dominante.

Na primeira postagem cabe destacar também, que o título da matéria apresenta uma determinada intencionalidade de atrair leitores causando impacto inicial a partir de sua publicitação de palavras antagônicas que não interagem no que é preestabelecido socialmente (celebrar versus morte), entende-se por “celebrar” quando se alegramos por algum acontecimento, cerimônia, uma espécie de comemoração e vitória de algo. Já o entendimento da morte, é quando existe uma interrupção definitiva da vida.

No pensamento de senso comum, a morte deve ser um momento triste, e o processo de luto é um momento de dor, e que quando se trata de uma criança configura a significação de pureza, inocência, de vitalidade. A figura da criança é vista, principalmente no senso comum como o futuro da nação. Diante disso, a perda de uma vida na infância de maneira precoce gera uma ruptura, uma falta de esperança, um sentimento de tristeza e dor.

Jesse de Souza (2011) na perspectiva de suas obras *Elite do Atraso* e *Ralé Brasileira* faz uma crítica aos autores que construíram um mito de um povo nacionalista a partir de cunho científico. Para ele essa concepção foi adotada como mecanismos de estratégia pela elite brasileira, assim ele expressa a seguinte frase sobre essa perspectiva: “isso não passa de um circo”, afirmando que a elite sempre busca por privilégios e não por direitos.

Assim, a matéria demonstra o interesse da elite em silenciar esse político que expressa uma influência na sociedade brasileira, inclusive em relação ao acesso relativo a direitos de um preso, como a negligência a Lula de ser liberado para acompanhar o velório do neto falecido. Ressaltamos que embora não seja nosso objeto de estudo, destacamos que nessa postagem, surgiram diversos comentários de internautas de cunho violento, alguns se

referindo a criança falecida, que foram reproduzidos fortalecendo a bolha e o caráter de violência simbólica.

Está intrínseco atualmente na sociedade brasileira a perspectiva da religiosidade e esta tem se apresentado de forma latente, inclusive em relação aos representantes do Congresso Nacional que manifestam publicamente suas crenças religiosas deixando interferir nas políticas públicas. Assim, destacamos que Moscovici (2007) centraliza sua análise de representação social no poder das ideias de senso comum em que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo elas constroem uma realidade comum, a partir de então a ciência se apropria das práticas sociais. Esses discursos reproduzidos na internet, que vão formando as bolhas são sinônimos também dessa influência social que vem sendo construída.

Nesse sentido, o Tripé (grupo, atos e ideias), desenvolvido por Moscovici (2007) é a base que constitui e transforma a sociedade. A discursão realizada pelo autor é balizada por três pontos analíticos, dessa forma, elencamos os seguintes eixos:

- 1) O autor compreendia que para analisar a sociedade francesa (seus lócus de análise) cientificamente através da psicanálise, era necessário um canal de articulação, as representações sociais.
- 2) O conhecimento do popular, ou seja, do senso comum, assim como o contexto sócio cultural em que as pessoas estão inseridas influencia nas diferentes representações na sociedade. Dessa forma elas não são as mesmas para todos os indivíduos sociais.
- 3) A representação se configura através de uma sequência sistemática: os objetos precisam tornar-se socialmente aceitos/conhecidos. Dessa forma torna-se habitual proporcionando uma segurança o que o autor denomina conceito de ancoragem/objetivação.

De acordo com Moscovici (2007), é por meio do processo de ‘ancoragem’ é possível rotular, organizar, e achar um ambiente e dar nome àquilo que não é familiar ao sujeito. Nesse processo de ancoragem se trata de imaginar e representar aquilo que é diferente e se encontra distante em um primeiro momento, associando esta representação à algo que já faz parte do mundo de representações daquela pessoa. Para Moscovici (2007) o processo de objetivação é responsável por modificar algo abstrato em algo que exista no mundo físico, ou seja, de tornar presente aquilo que está ausente. Dados essas indicações do autor, relacionamos um dos comentários que mais se evidenciou na postagem que referendamos anteriormente:

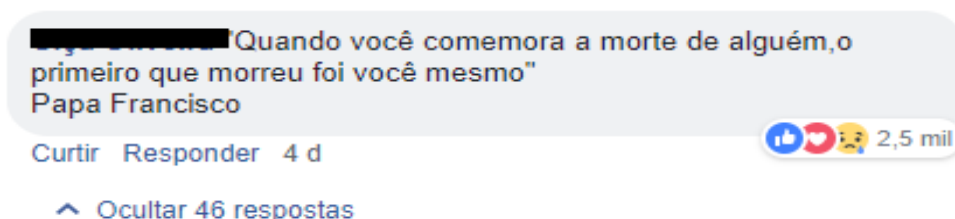


Figura 3. Comentário 1 de um usuário das redes sociais sobre a Postagem da Figure 2.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nesse comentário, o usuário responde a outro internauta que havia publicado sua opinião na qual comemora a morte da criança, neto de Lula. Percebemos aqui o caráter religioso na postagem do usuário e o fortalecimento da representação social para um determinado grupo. Dessa maneira, também nos voltamos ao esforço de partimos das análises de Moscovici (2007) e compreendemos que as representações sociais que permeiam o espaço virtual, referindo-se ao comentário, se baseou em um discurso de uma das autoridades religiosas em âmbito mundial que simboliza a construção e reprodução de práticas socialmente aceitas. Assim, a categoria da fraternidade, solidariedade se torna um objeto comum, de duplo mecanismo, ou seja, transmite familiaridade, seguranças aos sujeitos (amarração) e logo se desenvolve em objetivação, se torna comum ao cotidiano social. Cabe destacar que a cultura ocidental, principalmente a brasileira é de negação da morte, ou seja a juventude de é exaltada, o consumo é baseado acerca do jovial. Para Bourdieu (1974) a organização do mundo e a ancoragem de uma concordância a seu respeito estabelece uma função lógica indispensável que admite à cultura dominante, numa dada formação social, cumprir sua função político-ideológica de legitimar e ratificar um determinado regime de dominação.

Bourdieu, na obra *“A economia das trocas simbólicas”* (1974) discute que as formas de dominação existentes na sociedade são principalmente simbólicas. O simbolismo Bourdieu (1989) fica ainda mais evidente na figura representatividade pela criança, na qual foi construída socialmente (idade medieval) a partir do sagrado, da figura angelical representada por uma criança branca, com cabelos claros, cacheados, olhos claros, traços do rosto mais expressivos. Construção que é socialmente aceita do que é belo, é puro. Dessa forma, Bourdieu (1974) avalia a eficácia da organização social no campo simbólico quando o mundo natural e social se ordena através das representações e discursos.

Retomando os pensamentos de Moscovici (2007) a função da representação social não se move necessariamente entre os indivíduos e coletividade, a saber sua relevância está na interligação do pensamento primitivo, senso comum e da ciência. Para Bourdieu (1974) essas

representações não passam de alegorias que aparentam a estrutura real de relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política, legitimando uma ordem arbitrária em que se funda os grupos de dominação vigente. A verdade propagada no discurso dentro do grupo é unilateral. A perspectiva religiosa continua sendo reproduzida nesse outro comentário:

[usuário oculto] Tanta gente pra lançar pedras. Eu acredito no Deus que ressuscita "mortos". Ainda há uma esperança para a árvore cortada. Só observo os " perfeitos" jogando pedras. Derrepente não comemorou a morte de uma criança e não foi infeliz em externa isso. Mas o interior, o desejo de destruir famílias, casamentos...etc... Mais compaixão!!!!!!

Curtir Responder 4 d

Figura 4. Comentário 2 de um usuário das redes sociais sobre a Postagem da Figure 2.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nesse comentário percebemos as representações sociais que manifestam as formas de condutas que devem ser seguidas e que nesse universo são aceitas e tidas como naturais. “A familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação através do qual o não - familiar passa a ocupar um lugar dentro de nosso mundo familiar”. (MOSCOVICI 2003 p.20)

Embora o discurso elabore uma crítica ao processo de familiarização que Moscovici (2007) trabalha através da ancoragem e da objetivação. Ela reproduz a perspectiva do dogma religioso partindo da ideia de um prejulgamento, ou seja, a ideia do julgamento na concepção religiosa tem traços negativos.



Figura 5. Postagem 2 a ser analisada: “Bolsonaro chama professores e estudantes de “idiotas úteis” e “imbecis”.

Fonte: Pragmatismo Político.

Na Figura 05 a postagem analisada tem a seguinte manchete: “Bolsonaro chama professores e estudantes de “idiotas úteis” e “imbecis”. Como é a linguagem que delibera o que é violento (Magnani, 2011 Bourdieu 1989) as palavras “idiotas úteis” e “imbecis” nesse contexto criar parte da realidade, em que os atores sociais estão submetidos.

Os termos “idiotas úteis”, “imbecis” servem como indutores Magnani (2011) -da violência simbólica, já que é através da linguagem que a violência é legitimada Zizek (2009).

A paralização nacional objetivava reivindicar o corte de 30% das verbas das universidades públicas, e a manifestação foi marcada por uma intensa participação social, com uma intensa cobertura midiática em quase tempo real.

A matéria na íntegra do site Pragmatismo Político:

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) chamou de “*idiotas úteis*” e “*massa de manobra*” manifestantes que organizam uma série de protestos contra os cortes do governo na educação básica e no ensino superior nesta quarta-feira, 15. O presidente classificou os protestos como algo “*natural*” e disse que “*a maioria ali (na manifestação) é militante*”.

“*Se você perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada. São uns idiotas úteis que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo das universidades federais*”, disse Bolsonaro ao chegar em Dallas, nos Estados Unidos. Ele foi recebido por apoiadores ao chegar no hotel onde se hospedará na cidade americana.

Em capitais como São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, os atos contra os bloqueios do Ministério da Educação (MEC) começaram pela manhã, embora a maior parte esteja marcada para o período da tarde. Além das manifestações, algumas universidades e escolas cancelaram as aulas.

O presidente disse ainda que não gostaria que houvesse cortes na educação e disse que não teve saída. “*Na verdade, não existe corte, o que houve é um problema que a gente pegou o Brasil destruído economicamente, com baixa nas arrecadações, afetando a previsão de quem fez o orçamento e se não tiver esse contingenciamento eu simplesmente entro contra a lei de responsabilidade fiscal*”, afirmou o presidente. “*Mas eu gostaria que nada fosse contingenciado, em especial na educação.*”

(PRAGMATISMO POLÍTICO 15 DE MAIO DE 2019 p. [SN])

Conhecer o contexto, nos leva a seguinte análise, que os signos dessas palavras carregam um certo teor violento que estão imbricados com sua moral e se faz presente no senso comum das pessoas. Podemos ressaltar que a frase proferida por uma autoridade política reforça o aspecto negativo dos professores e estudantes reproduzindo uma desvalorização social. Esse tipo de discurso retrata o descaso com a educação, a partir do momento em que o chefe máximo do poder executivo faz utilização de palavras pejorativas como “*idiotas*”, “*inúteis*” e “*imbecis*”. Tal problemática, enfatiza em um primeiro momento, como o desrespeito a professores e alunos, torna-se cada vez mais comum, e cada vez mais difícil o reconhecimento desse grupo por parte das pessoas por mais que exista um esforço extremo. Assim, essa frase também simboliza que as produções do conhecimento realizadas por professores e alunos nas universidades não possuem relevância social. Podemos inferir ainda, que o conhecimento e organização desses grupos, representa uma ameaça aos interesses de determinados grupos sociais. Mediante essa análise, podemos perceber que a representação social criada para professores e alunos, são de pessoas baderneiras, desocupados e tumultuadoras

Ressaltamos que após 24 horas que essa publicação foi postada, a postagem já tinha os seguintes números: 1.200 reações, 398 comentários e 612 compartilhamentos. Essa

apropriação feita pelos atores sociais, das ferramentas curtir, comentar e compartilhar, apresentam diferentes funções dentro do contexto que está inserido. Conforme apresenta a figura abaixo:

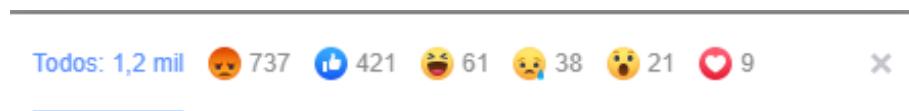


Figura 6. Total de reações da postagem figure 2.

Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura 06 temos o ícone da reação, onde são os usuários tem figuras expressas em formato de um rosto para referir -se as possíveis emoções que os internautas poderiam transmitir. Dentre essas representações podem simbolizar sentimentos como raiva/irritação, felicidade/alegria, apreciação/satisfação, tristeza/decepção, surpresa/espanto dentre outros adjetivos semelhantes. Os ícones, podem ser caracterizados por por botões com as seguintes siglas: “Grr” , “curtir”, “haha”, “triste”, “uau” . A figura acima demonstra a quantidade de reações em relação a postagem. “Grr” que teve 737, o botão “curtir” foi 421 curtido, o botão “haha” correspondeu a 61 usuários, o botão “triste” a 38 reações e o botão “uau” a 21 e o botão “amei” com 9 seleção de usuários. Como foi dito, anteriormente, os botões das reações exercem basicamente a função de legitimar o post publicado pela página, fortalecendo a postagem e aumentando o engajamento da página.

Para Magnani (2011) a percepção moral tipicamente tem a ver como a pessoa sente / pensa / julga que como todas as pessoas deve ser/comportar. O indivíduo acredita que está certo e passa a se comportar e a exigir que os outros aceitem e sigam seu modo de pensar. No caso o próprio *Facebook* facilita que as pessoas que pensam semelhante se agrupem no mesmo espaço, ou seja, na mesma bolha. Neste caso, os ícones de reação realçam o que Magnani (2011) elenca como bolhas morais, as quais obedecem a um tipo consistência ética - mesmo que contingente: onde, moralmente falando, “Inconsistente” uma pessoa acaba em uma bolha moral, de modo que a inconsistência em si é não é realmente "percebido"

A página Pragmatismo Político tem um viés político ideológico mais de “centro esquerda”, assim, as bolhas que são formadas dentro dessa página são predispostas a fortalecer um discurso dito com maior probabilidade para o caráter esquerdista. A seguir

vejamos como as ferramentas utilizadas pelo *Facebook* que demonstram como o processo de fortalecimento das bolhas acontece:

✓ **Mais relevantes**

Os comentários de amigos e os comentários que tiverem mais visualizações, reações, respostas e outras interações aparecem no topo.

Novo

Os comentários novos e os comentários que tiverem respostas recentes aparecem no topo.

Todos os comentários

São mostrados todos os comentários, incluindo comentários escritos em línguas estrangeiras e potenciais casos de spam.

Figura 7. Ferramenta disponível pelo Facebook como três opções para os usuários escolher qual o critério utilizar para visualização dos comentários.

Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura 07 temos ferramenta disponível pelo *Facebook* indicando uma possível predisposição para fortalecimento das bolhas, já que existe uma interação entre os comentários mais relevantes com os amigos do perfil. A seguir analisaremos os comentários mais relevantes:

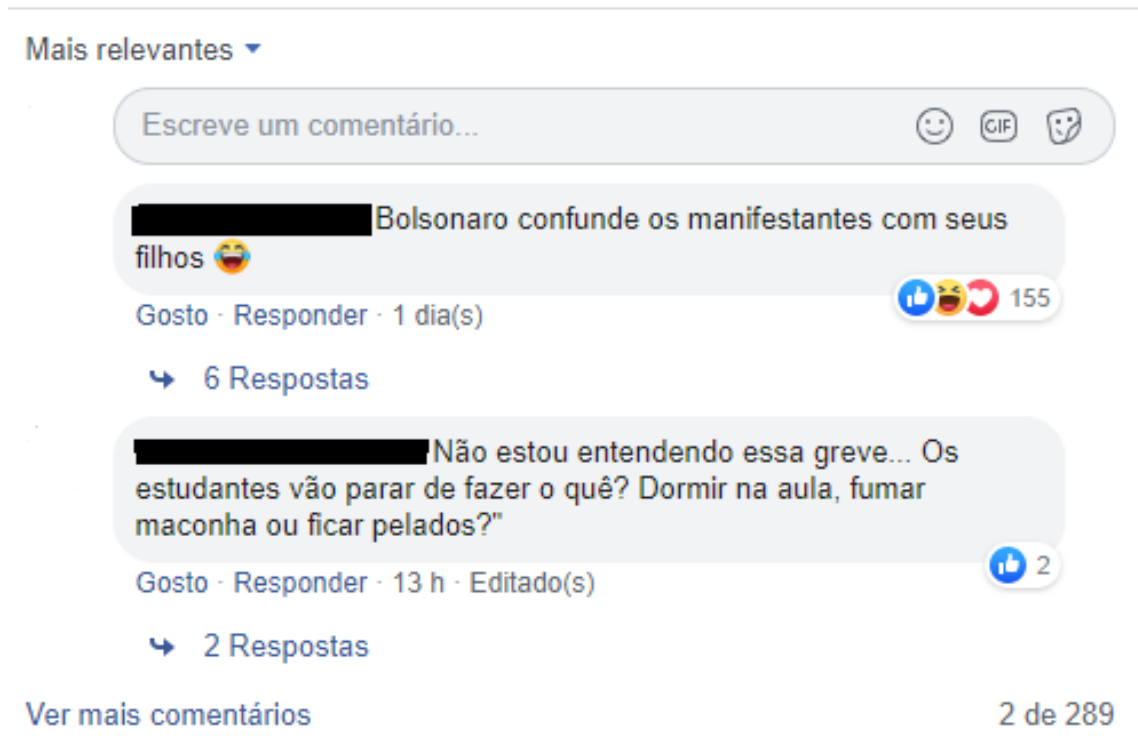


Figura 8. Comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook.

Fonte: Pragmatismo Político.

No primeiro comentário mais relevante “Bolsonaro confunde os manifestantes com os seus filhos” existe na linguagem elementos irônicos e de humor na construção da representação. Para Magnani (2011) a natureza violenta da linguagem é uma ferramenta exatamente como uma faca e essa violência estrutural invisível - muitas vezes vem disfarçada como um conjunto gentil de formas de fala - que a distribui e passa despercebidamente até se naturalizar.

Existe uma percepção no segundo comentário em que o internauta utiliza indagações irônicas, relacionando a greve a supostos comportamentos estudantis, que desqualificam tanto a organização do movimento, como a organização estudantil. Os estudantes são julgados não pelo que ele são realmente, mas sim por pressuposições que outras pessoas fazem. Neste caso os estudantes são estereotipados com usuários de drogas, pessoas preguiçosas e/ou libertinos. Observamos aqui, que a própria interação dentro da conversa, reforça alguns tipos de estigmas. Para Berger; Luckmann (2013) “Os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações culturais e psicológicas”. (BERGER; LUCKMANN, 2013 p. 75).

Todos: 155  119  25  11

Figura 9. Total de reações da postagem da figura 8.

Fonte: Pragmatismo Político.

Por meio dos botões de reações os usuários podem interagir na publicação. Dos seis ícones de reações, três foram escolhidos pelos usuários. O símbolo curtir aparece 119 vezes, e esse ícone não expressa nenhuma forte reação da emoção do usuário com a publicação, o *like* ao ser escolhido pelo usuário, o mesmo está descarregando uma certa legitimação e apoio a publicação.

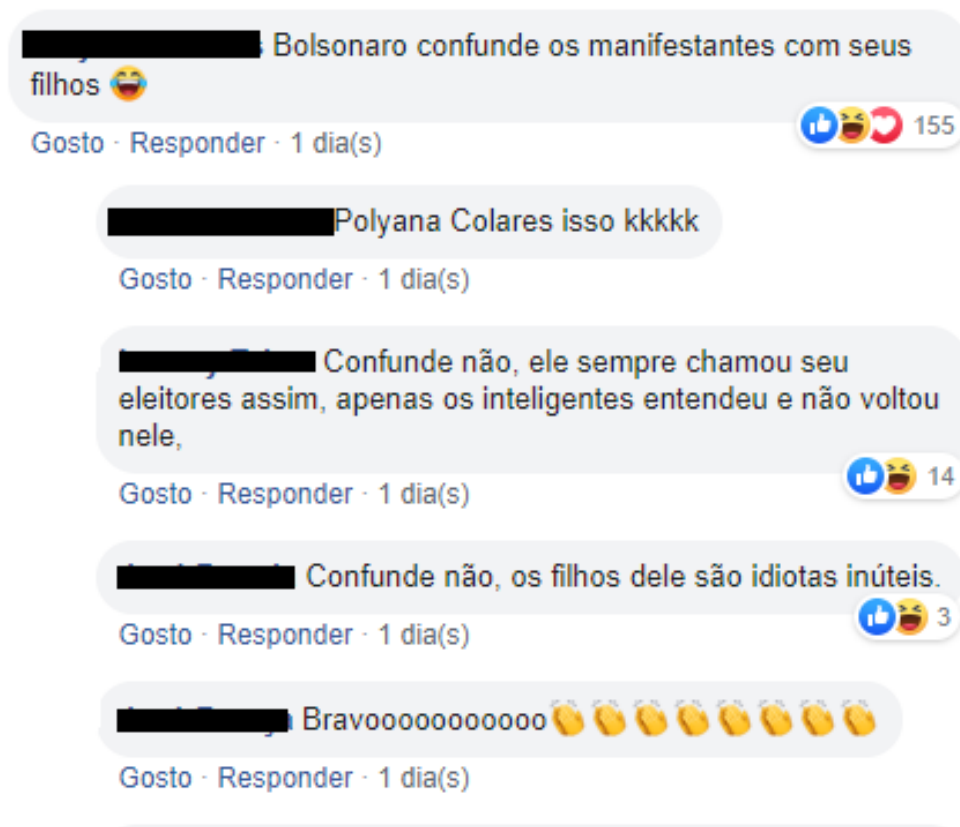


Figura 10. Primeiro comentário mais relevante, critérios adotados pelo próprio Facebook.

Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura acima a frase carregada de palavras agressivas e humilhantes para caracterizar os estudantes e professores que proferidas através do presidente Bolsonaro, são reutilizadas pelos internautas, mas com o caráter de redirecionamento aos eleitores e aos filhos do Bolsonaro. Assim, as expressões são ressignificadas e demonstram através das atitudes dos internautas que os políticos são tratados com descréditos, e que a situação ao invés de suscitar fortes reflexões, torna-se motivo de piada e escárnio. Assim, a conversa desenvolvida dentro do post é legitimada pelo riso, crítica e aplauso.

██████████ " Não estou entendendo essa greve... Os estudantes vão parar de fazer o quê? Dormir na aula, fumar maconha ou ficar pelados?"

Gosto · Responder · 14 h · Editado(s)



██████████ Maria Cecília Vieira sério?

Gosto · Responder · 9 h



██████████ Maria Cecília Vieira a mesma coisa que seus filhos fazem...

Gosto · Responder · 7 h

██████████ Márcio Junior Sabe Márcio, meu filho ainda é pequeno e não sabe o que é greve e nem sua finalidade. Se um dia vier fazer, espero que saiba qual o verdadeiro propósito e acredite na causa. E não se junte para fazer baderna. Qto às outras coisas...talvez ele venha dormir na aula...talvez fume maconha e talvez até fique pelado....pode acontecer mesmo. Mas estarei aqui para orienta-lo, levando em conta os meus valores e o que considero correto. Admiro estudantes conscientes, que realmente lutam em prol de uma melhoria. Conscientes e não baderneiros e irresponsáveis.

Gosto · Responder · 16 min

Figura 11. Segundo comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook.

Fonte: Pragmatismo Político.

Continuando o debate, o segundo comentário mais relevante faz uma crítica a proposta da manifestação, quando associa a organização estudantil ao estereótipo de preguiçoso, que utiliza/consume drogas e ainda pressupõe a questão da nudez vinculada a transgressão do moralmente correto. Os estudantes são estigmatizados e rotulados.

Nota-se nessa fala, a construção de elaborações sociais que perpassam pela criminalização e desqualificação em relação a identidade estudantil e a universidade. Evidenciando a forma como os alunos são vistos por determinados grupos sociais. Para Bourdieu (1989) toda enunciação prende por si compondo de poder simbólico. Assim, os pronunciamentos do presidente contem símbolos capazes de transformar e ou influenciar uma certa visão de mundo sobre determinado assunto. A reprodução da violência simbólica vai se desenvolvendo no espaço virtual, destacando os processos da formação socio histórica do Brasil, que é perpassada pela criação dos chamados provérbios populares, em que as pessoas elaboram e os reproduzem nos espaços sociais, conforme a próxima figura:

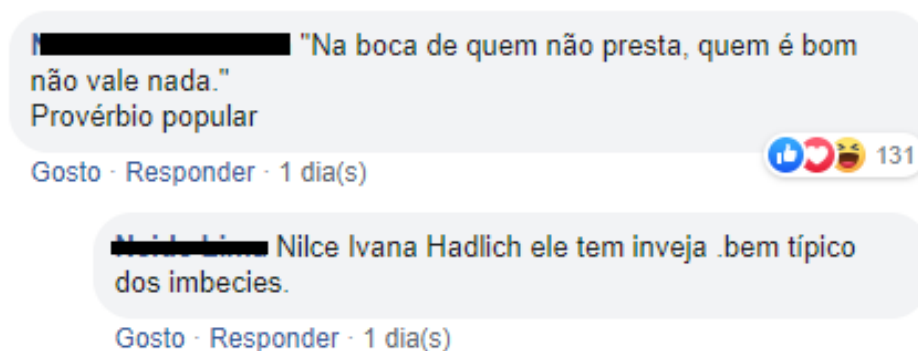


Figura 12. Comentário referente a publicação da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

Este comentário teve 131 reações entre “curtir”, “Haha” e “amei” mostrando que todos esses usuários concordam com o proverbio popular, legitimando o discurso. Segundo Berger; Luckmann (2013) “Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. E a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada. autoriza a dá-lhe a designação de realidade predominante”. (BERGER; LUCKMANN, 2013 p. 38)

E ainda em:

██████████ Fica latindo de longe... Depois volta atrás no que fala...

Gosto · Responder · 1 dia(s)



Figura 13. Comentário referente a publicação da figure 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

██████████ Kkkkkkkk tem alguns q votaram nele

Gosto · Responder · 1 dia(s)



Figura 13. Comentário referente a publicação da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

██████████ Todos ou só os que votaram nele?

Gosto · Responder · 1 dia(s)



██████████ eu acho que ele estava homenageando os eleitores dele

Gosto · Responder · 1 dia(s)



Figura 15. Comentário referente a publicação da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

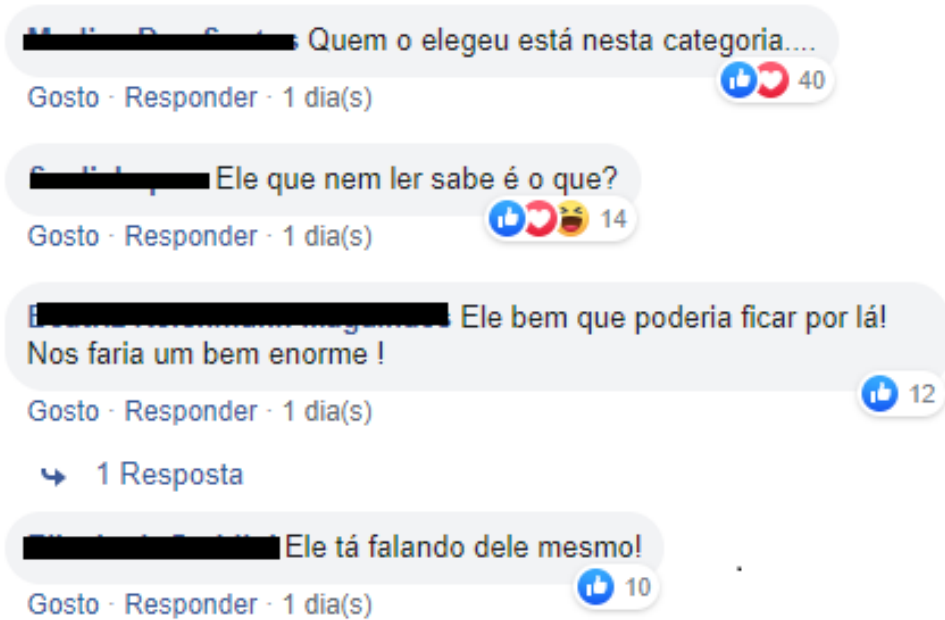


Figura 16. Comentário referente a publicação da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

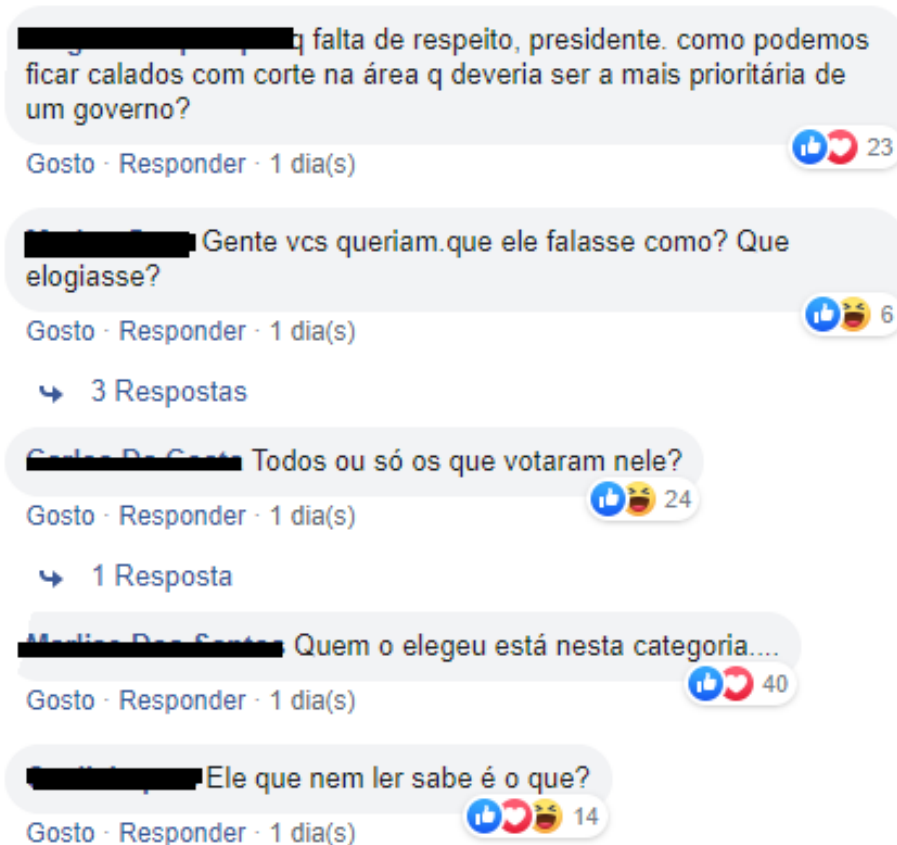


Figura 17. Comentário referente a publicação da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nas figuras de 13 a 17 os comentários reforçam e legitimam a figura do presidente e seus eleitores por meio de repetições e risadas. Para Bourdieu, “(...) a relação de comunicação não é uma simples relação de comunicação, é também uma relação econômica onde o valor de quem fala está em jogo: ele falou bem ou não? É brilhante ou não é? (...)” (BOURDIEU, 1983b, p. 78). Nos comentários expostos a manifestação linguística é uma ação simbólica em constante circulação de troca, onde o que está em jogo é a legitimação, atrelado a uma relação de dominação entre o presidente e os manifestantes.

. O próprio autor acrescenta “(...) as estruturas mentais são estruturas sociais interiorizadas.” (BOURDIEU, 1983b, p. 78) e o que se entende por mercado linguístico implica amplamente “(...) tanto a relação entre duas donas de casa que conversam na rua, como o espaço escolar ou a situação de entrevista da qual os executivos são recrutados. ” (BOURDIEU, 1983b, p. 86).

Nos comentários acima, os atores sociais se apropriam de um discurso irônico, transvestido de riso, para manifestar a violência simbólica, silenciosa, resultada do poder simbólico já explicado nessa pesquisa. Bourdieu (1989) lembrou que a violência simbólica é importante para o funcionamento e manutenção das classes e dominação por meio do poder simbólico.



Figura 18. Postagem 3 a ser analisada. Publicada 1 hora depois daquela da figura 5.

Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 550 👍 445 ❤️ 79 😂 22 😲 4

Figura 19. Números de reações do post da figura 18.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nesta postagem a técnica jornalística empregadas não utilizam do que Magnani (2011) atribui como um disparador, que é um termo ou palavra que chama a atenção do usuário e o direciona para publicação, o disparador é como um ímã que atrai usuários para autenticar aquela mensagem. Nesse caso, a postagem apresenta uma característica muito mais

informativa. Nesta publicação observamos que a soma dos comentários, compartilhamentos e *likes* é inferior ao número de likes da publicação da figura 5. Em relação a figura 19, percebe-se que garantiu 550 reações somente 22 expressaram “haha” mostram uma apropriação da linguagem das redes sociais, expressões faciais de riso e 4 de espantos.



Figura 20. Postagem 4 publicada 1h 20 minutos depois daquela da figura 5, e 20 minutos de da postagem da figura 18.

Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 959 807 142 9 1

Figure 21. Números de reações do post da figura 20.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nesta postagem o sentido o termo “na luta” serve também como disparador da publicação. O enunciado da postagem quando traz “professores e alunos na luta”, esse termo “luta” provoca um sentimento resistência, força, coragem, gerando no usuário uma certa comoção.

Fica evidenciado nesta postagem, o que Peirce (2008), e também Magnani (2011), reforça que os signos incluem sentimentos, imagens, conceitos e outras representações, o que significa que “aspectos baseados em modelos de cognição humana são centrais e constituem um fenómeno significativo - grávido - manifestação de todos os organismos. ” (MAGNANI 2011, p.43)

Desta forma, no processo social, os atores sociais vão transmitindo para outros atores suas interpretações e, conseqüentemente, orientar nossas ações de forma positiva ou negativa caminho. Observa-se também que a imagem é um tipo de comunicação não verbal sendo um recurso bastante utilizado na era digital. Em um intervalo de vinte minutos da postagem da figura 21 para a figura 19 podemos observar que o engajamento da publicação da figura 21 foi muito superior do que a figura 19.



Figura 22. Postagem 5 a ser analisada.

Fonte: Pragmatismo Político.

Vê-se que a postagem apresenta uma carga enfática na expressão “ tirem as mãos da educação” construído em torno do enunciado da publicação e reforçado pelo uso da linguagem não verbal.



Figura 23. Continuação da postagem da figura 22.

Fonte: Pragmatismo Político.



Figura 24. Números de reações do post da figura 22.

Fonte: Pragmatismo Político.

Nesse sentido, observa-se que a figura 22 e 23 mostra os números de curtidas, compartilhamentos e comentários do post. Em menos de 24 horas, a postagem continha 5,6 mil curtidas, 347 comentários e 2,3 mil compartilhamentos. Como já foi explicado o capital social da página Pragmatismo Político fortalece a medida que a publicação vai se popularizando dentro do espaço virtual e o discurso que ele carrega é autenticado a cada comentário, que pode legitimar a violência simbólica através das representações sociais.



Figura 25. Postagem 6 a ser analisada.

Fonte: Pragmatismo Político.



Figura 26. Continuação da postagem 6 a ser analisada.

Fonte: Pragmatismo Político.



Figure 27. Números de reações do post da figura 25.

Fonte: Pragmatismo Político.

Para o autor, Zizec (2008. p.3) compreende que linguagem é o primeiro e maior divisor de grupos sociais. O grande pensamento que extraímos dessa citação é que a linguagem também cria grupos comportamentais que se retroalimentam de acordo com o inflar desses grupos por mais e mais acessos e interações entre seus atores.

A publicação acima recebeu 7, 8 mil curtidas, 552 comentários, e 3 mil compartilhamentos. A maioria dos comentários ressaltam a luta pela educação, reconhecendo a universidade como local de construção do conhecimento, comprometido com o avanço da ciência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elementar, e nos parece indiscutível, aspectos a considerar nesta pesquisa são como os espaços de redes sociais tem se tornado um ambiente em que a violência simbólica são evidenciadas e o seu processo de produção e reprodução são construídos, por meio das publicações. Neste trabalho, procuramos explorar a violência simbólica em meio as ferramentas disponíveis no *Facebook* curtir”, “comentar” e “compartilhar” buscando discutir os efeitos dessa na produção e reprodução da violência, a partir do entendimento de representação social (Moscovici 2011).

Feita a seleção de publicações contidas na rede social *facebook* pode-se perceber bolhas de violência nestas. Apontando também para potencialização dessa violência quando atrelados a outros aspectos como o caso da *hashtag*. Sendo meios que impulsionam determinados tipos de agressão, violência. Estas podem ser caracterizadas como aspectos que ligam situações e contextos já existentes.

Por meio da representação social analisamos comentários publicados pelo possibilitando uma possível produção e reprodução da violência. Observamos que existe palavras, termos ou verbetes servem de disparadores das postagens, e dessa forma o número de curtidas, comentários e compartilhamentos são potencializados. Notamos assim, a própria legitimação da violência simbólica por meio das ferramentas que o próprio *Facebook* dispõe.

O sistema de algoritmo aproxima os usuários que pensam semelhantes, permitindo assim uma descarga da mesma ideia naquele espaço, dessa forma a violência é naturalizada nas redes sociais e sua invisibilidade torna-se cada vez mais constante.

O ambiente das redes sociais reproduz as representações de maneira mais fácil, devido a instantaneidade da informação e sua replicação é imensurável. É possível inferir que a legitimação da violência se deu com maior facilidade nesses espaços virtuais. É importante observar que essa pesquisa traz considerações que precisam ser pontuadas, que as crenças e a moral estão estritamente interligadas com a violência.

A linguagem carrega parte do que Bourdieu chama de “violência simbólica”, onde uma exploração cotidiana, suave e oculta é a forma tomada pela exploração do homem a homem. que mesmo no discurso de boas intenções pode existir uma intenção maléfica em oculto. A página Pragmatismo Político forma nichos de propagação da violência quando para aumentar o seu capital social permite comentários e postagens que são em si discurso violentos.

Em suma, a violência não está apenas instâncias individualizadas de violência física, mas no que diz respeito à linguagem - e em muitos aspectos de nossos “nichos cognitivos” culturais, como por exemplo instituições e artefatos tecnológicos, como foi estudado nessa referida pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANAIS. **Digital in 2018: world's internet users pass the 4 billion mark**. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em 23 mar. 2018.

BAKSHY, Eytan; MESSING, Solomon; ADAMIC, Lada A. **Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook**. Science, v. 348, n. 6239, p. 1130-1132, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade líquida**. Folha de São Paulo, v. 19, p. 4-9, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 23

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p

BAUMAN, Zygmunt. **Vida de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Os 500 amigos do facebook**. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/reflexoes/reflex17/reflex170109.php>. Acesso em 23 mar.2018

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** [por] Peter L. Berger [e] Thomas LUCKMANN; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2013. 248p.

BOURDIEU, Pierre Félix. **O capital social – notas provisórias**. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre Félix. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930.

BOURDIEU, Pierre Félix. **O que falar quer dizer**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b, p. 75-88.

BOURDIEU, Pierre Félix. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOYD, Danah (2010). "Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications". In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. Routledge, pp. 39-58.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, vol. 1. *São Paulo: Paz e Terra*, 1999, 8.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIEB, Messias; ARAÚJO, Júlio; VASCONCELOS, Jamille Lima. A representação social de professor em fanpages do Facebook. *Revista Linguagem & Ensino*, 2014, 17.3: 705-726.
DOMENACH, Jean Marie. *Violence and its Causes*. Unesco, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17ª Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987

FRASER, N. (1992). Rethinking the public sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy. In C. J. Calhoun (Ed.), *Habermas and the public sphere* (Studies in contemporary German social thought, pp. 109). Cambridge, MA: MIT Press.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAGNANI, Lorenzo, and Tommaso Bertolotti. "Cognitive bubbles and firewalls: Epistemic immunizations in human reasoning." *Proceedings of the Cognitive Science Society*. Vol. 33. No. 33. 2011.

MAGNANI, Lorenzo, and Tommaso Bertolotti. **Understanding Violence**. Dordrecht: Springer, 2011.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008. p.306

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 1999.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Guareschi. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Zahar, 2012.

PEIRCE, Charles S. **Ilustrações da Lógica da Ciência**. São Paulo, Ed. Letras e ideias, 2008.

PEIRCE, Charles S. **Evolutionary Love**. Disponível em: <http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/bycsp/evolove/evolove.htm>. Acesso em 15 mai. 2018.

PEIRCE, Charles S. **A fixação da crença**. Disponível em: https://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=ptBR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nmt4&u=http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/bycsp/fixation/fixframe.htm&usg=ALkJrhi5Vsgd2nVQHDhFrThgXcXWnNrZYw. Acesso em 16 mai 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Communities in Social Networks: A Case Study of Brazilian Fotologs**. 2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, 2014, 28.68: 117-127

RECUERO, Raquel da Cunha. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial**. Porto Alegre: PUC/RS, 2000.

RECUERO, Raquel; SOARES, Pricilla. **Symbolic violence and social networks on Facebook: The case of 'depression diva' fanpage**. 2013.

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos; CHIQUIERI, Ana Maria Crepaldi. A Dialógica de Edgar Morin e o Terceiro Incluído de Basarab Nicolescu: Uma Nova Maneira de Olhar e Interagir com o Mundo. **III Edipe: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-26, 2 out. 2009.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho – **Uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

SUNSTEIN, Cass. **A Era do Radicalismo**. São Paulo: Editora Campus, 2010.

THOMPSON, Nicholas, VOGELSTEIN, Fred. Dois anos que abalaram o Facebook - e o mundo. IN: **Revista Piauí**. N. 141. V. 01, Junho de 2018. p. 50-60.

WOODS, John. Epistemic Bubbles. In: **We Will Show Them!**. 2005. p. 731-774.

ŽIŽEK, Slavoj (2008). **Violence: Six Sideways Reflections**. London, Profile Book

